

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LOBO EM PELE DE CORDEIRO:
do discurso Iurdiano aos danos causados aos seus seguidores

Eduardo Pessoa Crucho Cunha

RECIFE
2016

Eduardo Pessoa Crucho Cunha

LOBO EM PELE DE CORDEIRO:
do discurso Iurdiano aos danos causados aos seus seguidores

Dissertação apresentada para defesa pública
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião, pela
Universidade Católica de Pernambuco sob a
orientação da Professora Doutora Zuleica
Dantas Pereira Campos

RECIFE
2016

Eduardo Pessoa Crucho Cunha

LOBO EM PELE DE CORDEIRO:
do discurso Iurdiano aos danos causados aos seus seguidores

Dissertação aprovada como requisito à obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Jean Carlos da Silva Lima
(UNIVERSO -Examinador Externo)

Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral
(UNICAP- Examinador Interno)

Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos
(UNICAP – Orientadora)

RECIFE
2016

AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que me auxiliaram na conclusão deste trabalho, e a todos eles apresento meus sinceros agradecimentos.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida e pelo dom da sabedoria e inteligência que me permitiram galgar mais uma fase de minha vida.

Aos meus pais, pelos constantes esforços e incentivos para o aperfeiçoamento de minha formação pessoal e profissional.

A minha irmã, Faustina Crucho Cardoso, pelo apoio incondicional que sempre me dispensou em cada momento desta trajetória.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Zuleica Dantas Pereira Campos, pelo exemplo impar de dedicação à pesquisa e ao esmero e requinte que lhe são peculiares. Não poderia deixar de destacar o imenso privilégio e satisfação pela convivência acadêmica nesses últimos anos.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, pelo entusiasmo, comprometimento e profissionalismo que são características singulares de sua gestão acadêmica.

Ao Prof. Msc. Jorge Alexandro Barbosa de Lima, pelo referencial, incentivo e apoio.

Meu reconhecimento a todos os professores, colegas e funcionários vinculados ao Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

Agradeço, por fim, a todos os amigos, em especial à Dr^a Mary Magdala e Bruna Gomes, pelos exemplos de vida acadêmica e profissional que tornaram-se para mim prova viva de que não há limites para a superação e conquistas lastreadas pelo permanente interesse pelos estudos.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Júlio Crucho e Dijaci Crucho,
pelos ensinamentos e exemplos de vida.

EPÍGRAFE

A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.

Albert Einstein

RESUMO

O debate no campo religioso sempre foi próspero nas possibilidades de construção de entendimento da sociedade, nas suas formas de estabelecerem sociabilidades, de interpretarem e/ou de refletirem a perspectiva de uma época. Na contemporaneidade brasileira temos a formulação destas dimensões aliadas a entrada de novos atores e instituições sociais. No caso deste trabalho, específico, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tendo como seu maior representante e fundador o Bispo Edir Macedo, que desde a década de 1970 vem construindo e ampliando os espaços na vida religiosa brasileira. Presente dos diversos meios de comunicação, tendo na Record sua marca maior, percebe-se um discurso que ganha corpo pelo aumento significativo de fiéis. No entanto, o que mostramos neste trabalho não é a perspectiva de Igreja que se expande, para além, buscamos analisar o discurso iurdiano e suas implicações de natureza ético-jurídica, dos danos causados a fieis que não tiveram suas promessas cumpridas na lógica mercadológica de graças alcançadas em função de ritos e práticas ditadas pela IURD. Além das questões jurídicas contextualizamos o contexto social que está inserido os discursos, os danos, mas, principalmente, sua lógica de ação. Isto implica não apenas tratar do aspecto mercadológico da fé, mas inserir esta prática num modelo de sociedade pautado em valores consumistas do qual os valores mais fundamentais se perdem em função das necessidades mais básicas e, principalmente, do respeito aos princípios éticos morais que norteiam a dignidade humana.

Palavras-chave: Ciências da Religião, Igreja Universal do Reino de Deus, Danos Morais, ritos.

ABSTRACT

The debate in the religious field has always been successful in building possibilities of understanding of society, in its forms of sociability established to interpret and / or reflect the prospect of an era. In Brazilian contemporary formulation of these dimensions we have combined the entry of new actors and social institutions. In the case of this specific work, the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) has as its most representative founder Bishop Macedo, who since the 1970s has been building and expanding the spaces in the Brazilian religious life. Gift of various media, taking its greatest Record brand, one sees a speech that is embodied by the significant increase in believers. However, what we show in this paper is not the perspective of the expanding Church, we analyze the church speech and its implications for ethical and legal nature of the damage caused to the faithful who have not had their promises fulfilled in the marketing logic graces due rites and practices dictated by the UCKG. Besides the legal issues contextualize the social context that is inserted speeches, damage, but mainly its logical action. This implies not only deal with the marketing aspect of the faith, but to include this practice in a society model based on consumerist values which the most fundamental values are lost due to the most basic needs and, above all, respect for moral ethical principles that guide human dignity.

Keywords: Religion Sciences, Universal Church of the Kingdom of God, Moral Damages, Rites.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	14
CONTEXTUALIZANDO A IURD: O RESSURGIMENTO DE NOVOS PARADIGMAS	14
1.1. O surgimento da IURD	15
1.2. Entendendo a teologia da prosperidade	19
1.3. Entendendo o movimento neopentecostal: o modo IURD	28
CAPÍTULO 2	34
DO DISCURSO IURDIANO AOS DANOS CAUSADOS AOS SEUS SEGUIDORES	34
2.1. Discurso iurdiano	34
2.1 O que é o dano moral	38
2.2 Evolução e expansão do instituto dos danos morais	39
2.3 Os danos morais e as consequências das falas pastorais na vida dos iurdianos.	42
2.4 O discurso jurídico nos estudos de Foucault	46
2.5 O discurso religioso como exegese social	47
2.6 A construção do diálogo entre ter ou ser: os prejuízos de uma religiosidade do “ter”	49
CAPÍTULO 3	54
O FIEL IURDIANO E ENGANAÇÃO PASTORAL	54
3.1 . A proposta da IURD	54
3.2. Análise do discurso da IURD e suas consequências	57
3.3 Marketing religioso – as estratégias em nome de deus.	59
3.4. Discurso sobre a fé e o sobrenatural	68
3.5 Alguns exemplos e outro lado pouco visto: quando os serviços não funcionam.	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

Tratar do fenômeno religioso no Brasil não se limita as abordagens de comportamentos e de novas crenças que vão surgindo, mas de algo que sempre esteve presente nos processos de sociabilidade, como um modo de fazer cultura, em especial como modo de reconhecimento por práticas que não são apenas rituais. Presentes no imaginário dizem muito mais. Sendo a religiosidade este aspecto de identidade cultural, suas manifestações apontam particularidades de uma sociedade que nos últimos trinta anos tem passado por profundas transformações econômicas e sociais. Das crises políticas e dos seus momentos mais precários é na expressão da fé que muitos buscam soluções, a exemplo da teologia da libertação que nas décadas de 1970 e 1980 representavam alternativas a sistemas políticos opressores – a exemplo das ditaduras militares em toda América Latina – mas, neste mesmo campo, em contraposição às ideias e interesses, os movimentos de renovação carismática e/ou as pastorais que vão se formando nas grandes cidades. Tendências de uma época presentes no âmbito do cristianismo católico, mas que não deixou de estar presente em outras manifestações religiosas, em especial para este trabalho do neopentecostalismo. Não podemos desconsiderar que esta presença religiosa sempre foi muito marcante na vida social do Brasil, mas principalmente, entre os mais pobres.

O sincretismo religioso como marca de nossas identidades refletem, não apenas um sentido de adaptação (e/ou adequação) às normas, mas de resistência às condições de vida, caracterizada por uma escassez de valores do qual nosso Estado nunca foi ‘primaz’. Neste sentido, nossa formação inicial não estiveram vinculadas à práticas de formação da cidadania, como apregoado pela Revolução Francesa – apesar de nossas mudanças beberem nesta fonte. O Brasil como colônia de Portugal tem no Catolicismo sua religião oficial que se vinculada catequese e interesses do Estado. Isso abriu lacunas no processo de evangelização, no qual o movimento presbiteriano se faz presente, principalmente, na região sudeste em decorrência do ciclo econômico do café que atraía a formação de novos grupos. Porém, no caso do Brasil o que prospera não é uma prática religiosa (ethos) conforme descrito por Max Weber, na Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, muito embora não possamos desconsiderar seu caráter de empreendimento que os movimentos neopentecostais pregam, a exemplo da IURD cuja prosperidade é o sinal da presença de Deus que atua sobre a pessoa que empreendeu. No entanto, vamos ver neste trabalho qual o sentido deste empreendimento. Coloca-se um caminho duplo entre o fiel – quase sempre àquele que se encontra numa situação social difícil

– caracterizado pela doença, pelas perdas afetivas, pelas condições econômicas -, do outro lado, de uma igreja que empreende como uma empresa, cujo seu crescimento não está no fundamentado por uma Teologia Cristã, cujos dogmas fundamentam suas práticas, mas no empreendimento de valores do mercado, do crescimento de fiéis que geram, simultaneamente, aumento de receitas, de empreendimentos - a exemplo da compra de um canal de televisão por parte da Record, com forte impacto comercial nas redes de canal aberto. A crença na prosperidade aparece como discurso da prática religiosa – algo que será abordado no capítulo dois.

Portanto esta Dissertação tem por finalidade traçar – respeitando e delimitando a complexidade que envolve o campo de conhecimento das Ciências da Religião - como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) se tornou um dos símbolos do movimento neopentecostal, mas principalmente, o elemento paradigmático da Teologia da Prosperidade, cabendo, aqui, pensarmos não apenas no modelo, mas nas consequências que tal prática pode vir a trazer para o fiel, quase sempre vindo ao templo por circunstâncias desfavoráveis, quase sempre buscam o milagre persuadidos por um discurso de que seus problemas serão resolvidos.

Para sistematizar este trabalho, no primeiro capítulo (Contextualizando a IURD: o ressurgimento de novos paradigmas) tratamos de fazer uma apresentação da IURD. Trazemos neste capítulo um breve histórico e como sua fundação representou a construção de um novo paradigma religioso no Brasil. O movimento neopentecostal tem uma amplitude, mas no caso da IURD apresenta características que lhe são próprias, vê-se ressignificações e um caminho que tende a divergir de um protestantismo tradicional, embora como apresentado, tem sua origem nessa raiz protestante do século XIX, marcado pela ausência da pastoral católica, mas, principalmente, pelas formas de trabalho que atraíram grupos sociais para um ambiente propício, neste caso a trilha do café. Ainda como traço marcante o capítulo desenvolve uma discussão introdutória sobre a teologia da prosperidade, na compreensão deste conceito está a força do discurso iurdiano e um perfil de atuação, a começar pela própria formação, que no caso desta igreja não se faz ao modo tradicional comum a quase todas as denominações cristãs, na formação do curso superior de Teologia (seja em faculdade ou seminários – como acontece com as igrejas tradicionais). O que os pastores da Universal necessitam é saber usar a palavra e convencer. Outro elemento da teologia da prosperidade é a necessidade de um crescimento rápido para sair das dificuldades econômicas e sociais. Uma visão mercantilista - visão esta que irá perpassar toda nossa discussão e análise na compreensão e análise –

presente na sua atuação enquanto instituição e, igualmente, estimulada entre seus fiéis repassadas como práticas que visam o sucesso fácil, desde que o mesmo demonstre fé.

O sincretismo religioso como marca de nossa cultura e traço da própria formação brasileira, apesar de criticado pelos neopentecostais, na IURD ganha novos significados. O desejo de progresso material ou a necessidade de resolver um problema pessoal pode ser interpretado como elemento de uma cultura privada, muito presente no Brasil, daí a facilidade de uma linguagem que chega com muito mais facilidade, ampliando por seus meios de comunicação – rádio, TV, jornais impressos, livros e internet – marca – inclusive – do próprio movimento protestante no Brasil.

No Capítulo dois, “Do discurso iurdiano aos danos causados aos seus seguidores” serão ilustrados casos em que o discurso do sucesso, da superação e da prosperidade não foram alcançados por força de vários danos de ‘natureza’ moral. O que se apresenta como primeira característica é a prática em desqualificar outras formas de expressão religiosa. A separação entre Deus e o Diabo, entre os que fazem o pacto com a igreja ou não, apresenta um elemento de persuasão que ao indivíduo acometido por problemas das mais diversas naturezas suportam uma série de constrangimentos que o vem a caracterizar como um dano moral, conforme apresentado nos casos que trazemos para análise. Aqui vemos uma série de dificuldades conceituais e de perspectivas paradigmáticas que envolvem as questões históricas, filosóficas e jurídicas. No caso desta última perspectiva vemos como dois juristas, Maria Helena Diniz e Aguiar Dias tratam do mesmo problema: a definição de dano moral. Seja o dano moral visto como “lesão aos interesses não patrimoniais” (Diniz, 2003) ou como “os efeitos da injúria podem ser patrimoniais ou não, e acarretar, assim, a divisão dos danos em patrimoniais ou não patrimoniais” (Dias, 1987), suas semelhanças não guardam em si apenas a complexidade tem um tema que pode partir de concepções diferentes, trata da própria natureza do campo jurídico que preserva suas raízes históricas e filosóficas na prática jurídica, portanto, não ficamos apenas no campo de seu conceito, mas na sua evolução histórico-social e das possibilidades de seu uso, em vista dos danos causados, das promessas que não são cumpridas, na maioria das vezes que se acometem em pessoas cuja fragilidade emocional requer outros recursos para além do campo religioso. Neste sentido, pensar o que leva as pessoas se deixarem conduzir, ou se verem persuadidas, traz na leitura de Foucault contribuição importante na análise deste fenômeno.

No capítulo três retornamos a literatura para tratar de suas práticas. As alusões constantes das histórias da bíblia transformadas em metáforas, como o exemplo que o fiel pode conseguir, o marketing que traz símbolos de outras religiões, como o pão, a água, etc,

fazem parte da estratégia para atrair fiéis. Elementos apresentados como pedagogia da prosperidade para ensinar o fiel, por meio de suas ações alcançarem resultados. Neste sentido, a Teologia da Prosperidade é vista como uma lógica que une o material e o espiritual (Gerrie Ter Haar), o que envolve um sistema de trocas entre o que se dá a igreja e o que se recebe de Deus em troca. Portanto, seus ritos e práticas – como pedagogia da prosperidade – envolve esse compromisso do fiel com o dízimo e com as ofertas que estão vinculadas as promessas feitas aos fiéis. O mercado da fé que vai vinculando o fiel num sistema complexo de ritos e de obrigações que envolvem o sucesso financeiro e o emocional.

Por fim, cabe ressaltar o papel do marketing e seus sentidos apelativos, tendem, igualmente, a esconder práticas de intolerância a quem não age de conformidade aos ritos, ou mesmo quando se valem do sofrimento e da fraqueza para tirarem das pessoas o pouco que têm. Os depoimentos, imagens tendem a mostrar estas duas faces da IURD, o que pode representar pouco, mas que no universo das representações sociais e no contexto de uma sociedade caracterizado pelo sincretismo, traz consequências que podem e devem ser debatidas nos vários âmbitos de conhecimento, para que seja resguardado o princípio da integridade e dignidade humana, por vezes violada sobre os argumentos nem sempre condizentes com os princípios da ética e da teologia cristã.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZANDO A IURD: O RESSURGIMENTO DE NOVOS PARADIGMAS

O tema sobre os movimentos neopentecostais não é novo na literatura brasileira, no entanto, a cada problemática há de ser perceber as mudanças ao contexto atual. No caso deste trabalho, além de retratar suas ressignificações, cabe pensarmos sobre os danos causados àqueles que procuram os serviços religiosos da IURD. O que poderemos perceber que não se trata apenas de uma característica brasileira, mas entender que fatores ideológicos corroboram para tais práticas.

Partindo desses dados e das discussões iniciais nos propomos neste capítulo a traçar em perspectivas a origem e características do neopentecostalismo no Brasil para em seguida tratar, nesse contexto, sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mostrando sua origem e leituras que demonstram um olhar a partir das ciências da religião. Pretendemos também discorrer sobre a teoria da prosperidade e suas influências sobre a IURD no contexto de consolidação e ampliação do seu campo de atuação.

Pensemos primeiramente na perspectiva da sociedade global, no qual os meios de comunicação e as instituições transpõem fronteiras econômicas e políticas. A maior força desse modelo está nos aspectos culturais, neste caso, a religião vê nas suas mais diversas crenças e formas uma expansão significativa. Cabe, igualmente, partirmos de perspectivas que apontem a própria história do protestantismo no Brasil e, parte do que vivenciamos hoje, como resultado de um fazer histórico que não é fruto do acaso, mas resultado de ações implementadas desde o início do século XX.

Segundo Bellotti (2010) o crescimento do protestantismo acontece no final do século XIX. A autora aponta que sua presença se dá seguindo a trilha do café, ao mesmo tempo em que é marcado – no contexto – pela ausência de uma pastoral católica. A forma de atuação dos presbiterianos - um dos primeiros a marcar presença do Brasil – acontece com serviços de atendimento à população. A prática presbiteriana tinha características particulares, tendo em vista que havia movimentos protestantes recém chegados ao Brasil que acreditavam que a sociedade deveriam se adaptar aos seus estilos de vida, em função de características culturais próprias do Brasil de vivenciar a religiosidade.

Nessa perspectiva, a autora indica que o movimento religioso protestante é composto por várias vertentes, em especial, do momento de sua entrada no Brasil, indicando –

igualmente -, que essa diferenciação vai marcando formas de atuação e expansão bastante específicas. É o caso dos movimentos pentecostais, que se fundamentam na crença no batismo do Espírito Santo (Bellotti, 2010). No caso brasileiro essas diferenças não são claras, “[...] qualquer tipologia do protestantismo e do pentecostalismo deve ser avaliada com cautela, [...] (2010, p. 61)”, a autora prossegue afirmando que estas fronteiras foram se diluindo, em função de discursos comuns que pregam a reestruturação familiar, o empoderamento das mulheres – dentro de papéis sociais tradicionais – e, “uma vida de vitórias” (idem, p. 62).

É importante ressaltar, que ao contrário da tradição católica, herdada do domínio português e estabelecida no Brasil como religião “oficial”, o protestantismo teve que ao longo dos anos se adaptar e para tal, os meios de comunicação foram fundamentais. Desde 1950 com o uso do rádio e, um pouco depois, com o Centro Audiovisual Evangélico (CAVE) aos poucos avançava sobre um processo de comunicação que não estava centrado apenas na evangelização. A exemplo do programa, citado por Bellotti (idem), *A voz da Profecia*: “A mídia evangélica foi um ingrediente crucial na formação de uma cultura evangélica brasileira (idem, p.65)”. Neste sentido, ao tratarmos da IURD devemos analisar que seus métodos, pelos meios de comunicação, trazem perspectivas históricas contundentes e, que nos permite direcionar o discurso e a análise, apontando-lhe uma cultura peculiar ao modo de evangelizar.

1.1. O surgimento da IURD

A IURD foi fundada em 09 de julho de 1977¹, sendo considerada a maior representante do fenômeno neopentecostal em nosso país. Foi idealizada pelo bispo Edir Macedo e seu cunhado Romildo Ribeiro Soares² e tornou-se um dos maiores grupos neopentecostais³ do Brasil. Teve seu início na área suburbana da cidade do Rio de Janeiro e possui como base doutrinária os preceitos gerais do cristianismo. É comum em seus cultos diários, o estímulo para que seus fiéis façam a doação do dízimo e é frequente a prática do exorcismo.

Atualmente a IURD encontra-se instalada em todos os estados brasileiros, sediadas em locais que vão desde sede própria até galpões alugados, presídios, cidades ribeirinhas na região da floresta amazônica, dentre outros até então não considerados como adequados para as práticas litúrgicas. O que no futuro desembocará no surgimento dos grandes templos e catedrais da fé erguidos pela IURD com efeito de simbologia de sua expansão e crescimento

1 <http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html> (acesso em 13 de abril de 2016)

2 Que posteriormente se separou de Edir Macedo e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus

3 Movimento dissidente do pentecostalismo clássico ou das igrejas cristãs tradicionais.

alcançando um universo cada vez maior de seguidores em busca da felicidade, crescimento econômico e sentimento de salvação de suas almas.

Aos 33 anos de idade Edir Macedo deixou o trabalho para se dedicar a vida religiosa. Foi de origem Católica e após breve passagem pela Umbanda, entrou na igreja Nova Vida, durante o período de adolescência.

A IURD é uma “ramificação” da Igreja Nova vida. A primeira sede desta nova Igreja foi num espaço que funcionava uma funerária no bairro da abolição no Rio de Janeiro/ RJ. E foi inicialmente batizada de Igreja da Benção.

Desde o início da Igreja Universal, Macedo adota um discurso agressivo. De acordo com Tavolaro editor chefe da Rede Record, Macedo diz:

O Deus deste mundo é o dinheiro. Os banqueiros não me deixam mentir. Oferta é investimento. Isso mesmo: um investimento... As pessoas não devem dar oferta para ajudara a igreja, mas para ajudar a si próprio. Quem da esta fazendo um investimento em si, na sua vida. É o que mostra a Bíblia. Quem da tudo recebe tudo de Deus. É Inevitável. É toma lá. Da cá. (TAVOLARO, 2007, p. 207).

A igreja Universal não possuía formação de pastores em seminários ou curso superior de Teologia. Acham que estão perdendo tempo, afastando-os de seus fiéis e do fervor religioso. Eles só fazem um pequeno curso de aproximadamente de seis meses que se destina a aplicação rápida do trabalho pastoral a ser desenvolvido e implementado em cada uma da vasta rede capilar de unidades da IURD espalhadas.

De acordo com Mariano (2005), uma das características do neopentecostalismo é a valorização da prosperidade material, com isso percebemos que Edir Macedo tem uma visão mercantilista e empresarial do sagrado.

Desde que fundou a IURD, Edir Macedo sempre discursa em tom de agressividade, que estimula os fiéis a não se acomodarem com a pobreza, a falta de dinheiro, desemprego etc.

As funções *pastorais como, por exemplo, exorcizar, pedir dízimos e ofertar, orar, pregar e cantar são aprendido* na prática pastoral. Uma boa parte dos pastores apenas participa de rápidos cursos bíblicos, quando estes são oferecidos.

A IURD já chegou a ter uma faculdade para formação de pastores, a Faturd (Faculdade Teológica da Universal do Reino de Deus). Porém, Edir Macedo fechou a faculdade ao perceber que estava perdendo tempo para a finalidade do trabalho que realizava, pois para ela a melhor formação está na pratica e não na teoria. Edir Macedo percebeu que “formação teológica provavelmente dissiparia o tempo dos pastores, diminuiria sei fervor e os

distanciaria dos interesses concretos e das necessidades imediatas de seus fiéis” (MARIANO, 2004, p.128).

Mariano (2004. P. 56) afirma que a mobilidade hierárquica da IURD está diretamente ligada a capacidade de arrecadação do pastor, pois de acordo com os princípios da igreja “quem arrecada mais recursos o consegue porque supostamente tem seu ministério abençoado pelo Espírito Santo”. Para ser pastor não é necessário estudar teologia para falar de amor, de misericórdia e do poder de Deus. Abaixo dos pastores existem os obreiros, que são tidos como o “cartão de visita” da igreja onde desempenham várias funções⁴.

Segundo o último censo brasileiro realizado em 2010, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) conta com mais de seis mil templos em todo território brasileiro e um milhão e oitocentos mil seguidores. Trata-se de uma das maiores organizações religiosas do Brasil e a 29ª maior igreja em números de seguidores do mundo.

Em 1989, quando a Igreja Universal já contava com quinhentos e oitenta e um templos, o Bispo Macedo começa a negociar a compra da Rede Record de Televisão.

Em termos de doutrina, a IURD é considerada uma igreja cristã, pois considera a Bíblia como sendo a palavra de Deus, nos cultos reconhece a trindade santa (Pai, Filho e Espírito Santo).

Para Ricardo Mariano:

O contexto socioeconômico, cultural, político e religioso no qual a Igreja Universal surgiu e prosperou lhe foi assaz favorável. Basta atentar, no decorrer desse período, para: agudização das crises social e econômica brasileira; o elevado aumento de desemprego; o recrudescimento da violência e da criminalidade; a destradicionalização e a modernização sociocultural; a vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista; a baixa regularização estatal da religião; e enfraquecimento religioso; a secularização e o declínio numérico da Igreja Católica; a larga e contínua expansão pentecostal por todo território brasileiro [...](MARIANO, 2004, p. 53).

Entre as igrejas Neopentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus é a que mais impressiona por sua capacidade de mobilização popular, por sua grande expansão e por “culpar” o demônio por todos os males. E agregado a tudo isso, ainda há o alto índice de miséria da população, o grande índice de desemprego de crimes e a falta de educação básica e

4 <http://www.igrejauniversal.or.br/ler.asp?page&sub=80>. Acessado em 25.04.2016

saúde. Ari Pedro Ori (1996, p. 52) nominou isso de “demonização dos problemas sociais”. É para resolver isso, é necessário “aceitar Jesus como único salvador”.

Wilson Gomes (2004) diz que o ritual da IURD é constituído pelos seguintes fundamentos: demônios, exorcismos, ofertas e ideia de cura e posse (que seriam os bens materiais para seu gozo, usufruto). Segundo ele, estes bens são necessários para o conforto, o bem estar e a felicidade do homem aqui na terra. Ainda de acordo com esse autor, na linguagem da IURD, aqueles que possuem aquilo que lhes é devido na condição de filhos de Deus, seriam os *abençoados*, já os que não possuem nada seriam os amarrados.

Para Oro, Corten e Dozon (2003) a IURD se caracterizou por seu investimento na mídia e pelo valor conferido ao exorcismo e a teologia da prosperidade.

Ronaldo de Almeida (2003) sustenta que para a Igreja Universal do Reino de Deus não existe meio-termo: o mundo é dividido entre as pessoas *Libertas e não Libertas*. E nas *não libertas* há uma constante intervenção ou tentação do diabo sobre elas. Ele (diabo) é o grande causador de todos os males da vida de uma pessoa. E por causa disso, o diabo é entendido como:

[...] a fonte e a raiz dos males físicos e morais, que se abatem sobre os segmentos sociais pobres e da classe média. Temos, então, em mente a vinculação da crença no demônio como raiz dos males ao institucional religioso. Crença esta que se acha ligada ao dom de cura das doenças, efeitos da ação demoníaca (ALMEIDA, 2003, p. 322-23).

Como podemos perceber para a Igreja Universal o demônio existe. Eles são anjos decaídos, rebelde e que existem desde o princípio de humanidade. E que tem por objetivo acabar com a humanidade e como a sua crença em Deus.

O autor William Gomes diz:

Na cosmologia religiosa da Igreja Universal, este elemento que perturba o modo de ser natural da realidade, que impede que a posse aconteça na vida da maioria das pessoas, é tido em chave diabólica. Por outro lado, a dimensão perturbadora é visto como obra de arte de um ser sobrenatural, natural ou mesmo semidivino e de vontade maléfica. Por outro lado, este ser se caracteriza, sobretudo como personagem que está à origem da separação do homem do projeto de Deus (Gomes, 1994, p.233).

Segundo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal, em seu livro, “Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios?” (1996) existem alguns sintomas que revelam a interferência ou influência do demônio na vida das pessoas. Quais sejam: nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medos, desmaios constantes e desejo de suicídio.

No dogma pentecostal, a religião cumpre um papel terapêutico de cura, e as doenças como manifestações das realidades sobrenaturais. E este papel terapêutico na Igreja Universal se dá através das reuniões/culto, onde acontecem os exorcismos, que é o rito mais importante da IURD. Alguns exorcismos acontecem de forma mais demorada no altar da Igreja e acontecem na maioria das vezes nas reuniões de “prosperidade”, “descarrego” e “libertação”.

E os dízimos e ofertas são condições necessárias para o sucesso do tratamento de exorcismo. Mas para isso é necessário que a bênção seja equivalente da arrecadação financeira através das doações e dos dízimos. Quanto maior for a oferta e o dízimo maior será a bênção alcançada.

Segundo Ronaldo de Almeida (2003), o exorcismo ou os testemunhos de cura não são estimulados a título de conversão dos fiéis. A Universal não busca somente a conversão dos fiéis, para ela o mais interessante é a manutenção dos fiéis dizimistas, pois são eles que mantêm a igreja, e é através deles que a Igreja mantém sua obra.

1.2. Entendendo a teologia da prosperidade

A Teologia da Prosperidade ou Confissão positiva nasceu nos meados de 1940 nos Estados Unidos da América, mas só foi reconhecida como doutrina nos meados dos anos 70, quando de sua difusão pelos meios evangélicos.

Segundo Mariano:

Para os defensores da Teologia da Prosperidade, a explicação do cordeiro libertou o homem da escravidão ao Diabo e das maldições da miséria, da enfermidade, nesta vida, e da segunda morte, no além. Os homens, desse então, estão destinados á prosperidade, `saúde, à vitória, à felicidade. Para alcançar tais bênçãos, garantira a salvação e afastar o demônio de suas vidas, basta o cristão ter fé incondicional e inabalável e Deus, exigir seus direitos em alta voz em nome de Jesus e ser obediente e fiel Ele e no pagamento dos dízimos (Mariano, 2005, p. 160).

Poucos sabem que a teologia da prosperidade remonta a um homem chamado Essek Willian Kenoy (1867-1948). Ele é o autor de uma expressão que se propalou com o tempo. A expressão é: “o que eu confesso, eu possuo”. É o germe da confissão positiva⁵.

Pensamento esse posteriormente divulgado por Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Segundo ele era necessário três passos para alcançar a vitória. Era necessário crer, declarar verbalmente a fé e agir como já tivesse recebido a bênção⁶.

5 <http://www.internautascristaos.com/textos/artigos/teologia-da-prosperidade> (acessado em 23.04.16)
6 MATOS, Alderi de Souza. Raízes Históricas da Teologia da Prosperidade. [Site Revista Ultimato](#).

São muitos os pregadores que espalham o que foi criado pro Kenoy e difundido por Hagin. Entre estes pregadores encontramos alguns nomes bastante conhecidos, como o Edir Macedo, R.R. Soares, Valnice Milhomens etc. E o povo brasileiro como fã de novidades, de modas e maneiras variadas de se conseguir um atalho para o crescimento financeiro rápido, encontrou na Teologia da Prosperidade uma tentativa para ascender mais rápido e galgar maiores possibilidades de ter as suas necessidades materiais supridas pela aceitação da IURD como fonte de solução para todos os seus problemas e carências de ordem financeira, tais como a conquista de um emprego ou de outro mais promissor, a compra de bens materiais, ou seja, ninguém nasce para ser infeliz na medida que você colabora e contribui para a IURD você terá um retorno garantido de sucesso e êxito na vida econômica e social.

A Teologia da Prosperidade no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus ministra que a pobreza é resultado da falta de fé ou ignorância do fiel sobre as escrituras sagradas. Para esta Teologia, deve se dar a Deus tudo para que Ele devolva tudo com lucro. Pois o verdadeiro cristão tem direito a uma vida de paz, com saúde e abundância espiritual e financeira.

Um exemplo disso é um discurso de Edir Macedo:

Um exemplo é de uma senhora que, há mais de cinco anos, se tratava de uma doença clinicamente incurável. Tinha artrose em toda a extensão da coluna vertebral, mal podia andar, dormia em uma esteira no chão. Ela compareceu a um templo da IURD, recebeu oração e, instantaneamente e poderosamente foi curada de todas as suas dores. Certo dia resolveu voltar ao médico, para buscar explicação para aquela sua cura milagrosa. Quando o médico afirmou não acreditar na cura, no caso dela era humanamente impossível, de imediato começou a sentir dores que foram aumentando. Por quê? O fato é que, da mesma forma que essa senhora recebeu a fé para ser curada através da palavra de Deus, também pela palavra do diabo usada pelo seu médico, recebeu dúvida suficiente para voltar a sofrer como antes. Se aceitarmos as dúvidas, elas permanecerão em nós e seremos destruídos. Se resistirmos, imediatamente irão embora e a Fé continuará garantindo aquilo que o Senhor nos outorgou (MACEDO, 2007, p.18-19).

A Igreja Universal do Reino de Deus está baseada em um tripé, o exorcismo e o demônio, a cura e a prosperidade.

A teologia da prosperidade, antes mesmo de ser uma ideologia de ascensão social tendencialmente fantasiosa e dirigida, sobretudo às classes média empobrecida, é um discurso de recusa à vitimização. A Igreja Universal se dirige aos pobres e diz a eles que não se resignem em seu estado de pobreza; ao contrário, deve negá-lo e procurar sair dele. “A pobreza é obra do satanás”. A igreja Universal exercita seus adeptos em grandes batalhas para

uma transformação radical em suas vidas. Algumas vezes com sucesso. (ORO, CORTEN, DOZON, 2003, p. 35-36)

Mas de acordo com o autor Wilsom Gomes (1994), há um quarto elemento que é pouco mencionado: a Posse. Isto é, os fiéis devem tomar posse daquilo que é necessário para uma vida feliz. O homem, ao tomar posse da bênção divina e ao ofertar este recebimento de bênçãos fazendo sacrifícios financeiros, é capaz de criar em Deus uma obrigação imediata de restituição com juros.

Ricardo Mariano (2003, p.237) trata de algumas relações que a Igreja Universal mantém com o dinheiro, como por exemplo: “[...] a liderança desta igreja adora um “modelo empresarial” na questão da organização eclesial e presta serviços religiosos mediante pagamento, resultando na “fetichização do dinheiro e na mercantilização do sagrado”. A Igreja Universal é uma organização religiosa-empresarial”, cuja especificidade consiste na “marketização do sagrado”; “Templo é dinheiro”; “O caminho é Cristo, Edir Macedo é o pedágio” etc.

Estas declarações não são só feitas aqui no Brasil, no exterior, mais especificamente nos Estados Unidos. Segundo Garrard- Burnet há uma grande preocupação com esta relação entre a Igreja Universal e o dinheiro. Como podemos perceber nestas expressões: “Salvando almas por dinheiro: igreja pentecostal que mais cresce no Brasil coleta milhões de dólares vendendo salvação para um império de pecadores”; “Igreja tem lucro com os fiéis”; “a teologia da prosperidade enfia a mão no bolso” etc.

A IURD enquanto instituição religiosa utiliza-se do arcabouço ideológico em torno da Teologia da Prosperidade. Segundo Oro (2005, p.321), essa perspectiva vinda dos EUA é introduzida em nosso país pela igreja Vida Nova, tem como práticas de cultos, sempre as segundas-feiras, os quais são denominados de “Congresso Empresarial”. Isso demonstra uma perspectiva mercadológica de suas aparições religiosas, inclusive presente nos discursos de seus pastores. A referida base ideológica ainda encontra-se fundada na realização de “correntes e o pagamento do dízimo⁷.” Oro (idem), ainda enfatiza, que do catolicismo, o ideário iurdiano incorporou ao seu discurso as noções de milagre, inferno, pecado e demônio.

As igrejas que são adeptas desta Teologia da Prosperidade colocam grande destaque na importância do dízimo. Os congregados são impelidos a fazer declarações positivas sobre os pontos de suas vidas que eles desejam melhorar. Estas declarações ou confissões positivas

⁷ Segundo o vocabulário bíblico, dízimo é a décima parte das colheitas e dos animais que os Judeus ofereciam à Deus e que era usada para o sustento dos levitas, dos estrangeiros, dos órfãos e das viúvas.

teriam o poder de alterar aspectos da vida dos fieis de forma milagrosa, se forem ditas com muita fé.

A teologia da Prosperidade apregoada pela Igreja Universal, também conhecido como Evangelho da Prosperidade, é uma doutrina religiosa cristã que defende a bênção financeira é um desejo de Deus para os cristãos e que a fé, o discurso positivo e a doação financeira para os ministérios da Igreja (Dízimo), irão sempre *aumentar a riqueza material do fiel* (grifos nossos).

O uso da Teologia da Prosperidade atingiu um nível tal que tudo girava em torno de “sacrifícios” financeiros onde até valores mínimos de ofertas eram exigidos. Expressões como “Se garantir a festa na casa de Deus, Deus garante a festa na minha casa” ou “o valor que você der de oferta vai determinar o valor que Deus dará a seu próximo ano”, ou seja, os “valores” do evangelho de Cristo eram esquecidos e trocados por “valores” financeiros.

Os desafios também correspondem a sacrifícios e provas verdadeiras da fé do participante da Igreja. Ou seja, grandes propósitos, grandes bênçãos, grandes sacrifícios. O sacrifício a ser feito e diretamente proporcional ao tamanho da bênção. Quanto maior o sacrifício, maior será a bênção.

E através deste pacto com Deus através de dízimos, ofertas e sacrifícios permite que o participante, munido do poder divino, atinja seu objetivo seja de ordem econômica, social e até mesmo emocional, uma vez que a IURD apregoa e faz alarde em seus cultos que você pode e deve ser feliz, no entanto você não deve se apegar a seus bens materiais e sim doar ao seu pastor como ingrediente de cura e salvação de sua alma.

O dízimo tem outra função além de contribuir para a manutenção do templo, das estruturas midiáticas da igreja.

O pagamento do dízimo constitui um ato por meio do qual o fiel exprime sua confiança (ou Fé) ilimitada em Deus. Fé que se nutre justamente das promessas (terrenas e paradisíacas) de recompensa divina aos dizimistas. Sem convicção na redistribuição, o ato de pagar o dízimo perde, em parte, a razão de ser. (MARIANO, 2003b, p. 247)

No início do século XX os líderes do movimento pentecostal não aderiram a teologia da Prosperidade. Somente nos anos de 1940 e 1950 é que esta teologia começou a ganhar forças, através dos ensinamentos dos ministérios da libertação e dos evangelistas pentecostais.

O historiador Carter Lindenberg, da Universidade de Boston (EUA), elaborou paralelos entre a Teologia da Prosperidade de hoje e o comércio de indulgências da Igreja Católica da Idade Média. Durante suas pesquisas, observou traços semelhantes entre aquilo que seria um

estilo de vida sagrado que levava a um caminho à prosperidade e que o trabalho árduo seria uma bênção de Deus. Havia, portanto um paralelo entre o um estilo de vida sagrado e trabalho duro que conduziam a uma bênção divina.

No Brasil essa teologia nasceu do movimento pentecostal e teve três grandes “ondas”. A primeira grande onda surgiu através das igrejas pentecostais “clássicas”, como por exemplo, a Assembleia de Deus, Congregação Cristão do Brasil etc. E está caracterizada pela centralidade em Deus. É a onda de “Deus dos Carismas”, e pode ser explicada como uma busca por uma vida santa na presença de Deus⁸.

Já a segunda onda está demonstrada nas igrejas Deus é amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo etc. E a sua centralidade agora está no carisma e nos milagres. E por isso são chamadas de Taumatúrgicas, voltadas para a cura.

A Terceira onda é justamente a “Teologia da Prosperidade”. Na primeira onda percebemos que havia o “Deus dos Carismas”, na Segunda onda “Os Carismas de Deus” e na terceira onda o homem é o centro e Deus é quem está a seu serviço.

Esta teologia está baseada na “lei da reciprocidade”. Se o homem foi bom para Deus então Deus é “obrigado” a ser bom com o homem. Aqui não é o homem que serve a Deus, mas é Deus quem serve ao homem.

Sustentado pelo princípio teológico da prosperidade, a IURD tem conduzido seus fiéis a fazerem um tipo de acordo com Deus, no qual o fiel paga para participar e por isto está em condições de exigir algo em troca, por direito. Neste caso, o pagamento antecede a bênção exigida. Esse é o segredo nuclear do negócio, ou seja, o fiel antecipa a sua doação e passa a alienar os seus bens para IURD com uma possibilidade de ter ou não as suas necessidades, problemas e carências resolvidos ou sanados. Enfim, o risco do negócio é exclusivo do fiel que poderá simplesmente perder todo o seu investimento ao ser crédulo nas palavras de seu pastor.

Segundo Edir Macedo (2004, p. 45): “quando alguém faz uma oferta para o Senhor, Ele não repara a quantia, se é muito ou se é pouco, mas sim se é o melhor que esta pessoa está dando. Deus nunca vê a importância trazida pela pessoa em suas mãos, mas sim o que restou no seu bolso”. Nesse pensamento, a estrutura da escatologia utilizada pela IURD faz alusão ao maniqueísmo céu e inferno, o chamado discurso da igreja tradicional é o projeto de salvação, por outro lado, para a IURD a tônica de interesse e preocupação é a existência das pessoas no momento atual. Em discurso diverso das igrejas pentecostais tradicionais que

8 <https://padrepauloricardo.org/episodios/teologia-da-prosperidade> (acessado em 25.04.16)

insistem na fala salvacionista, as igrejas neopentecostais, dentre elas a IURD, pregam e afastam-se do núcleo conceitual de verdades eternas e consolida-se no espaço das contingências das carências imediatas.

O principal convite da IURD é chamar as pessoas para participarem de “Reuniões da felicidade”. E o seu lema é: Pare de sofrer. Percebemos assim que o cerne da IURD é o sofrimento humano e que nas suas mensagens há promessas de felicidades e bem-estar. A tônica da fala pastoral repousa na perspectiva que você sofre por opção própria e que é possível você ser feliz basta você deixar a IURD conduzir a sua vida e você na condição de fiel seguidor contribuir e doar seus bens, salários e recursos diversos cada vez mais.

Nas pregações da IURD a ideia de prosperidade equivale à ideia de felicidade e é alcançada através de uma aliança que é feita com Deus por intermédio de um sacrifício financeiro. Este “sacrifício financeiro” está relacionado a entrega de uma quantia em dinheiro para a igreja como forma de se alcançar a felicidade, o bem estar ou a cura.

O dizimo e a oferta são os principais mecanismos de arrecadação do dinheiro para a IURD, embora existam outros mecanismos de arrecadação de dinheiro dentro da Igreja, como por exemplo, a venda de livros, de jornais, de revistas, de CD e DVD etc.

Segundo Natal Furucho (2003, p. 8-9), dizimo é uma palavra que deriva do hebraico “azar” e significa dêz ou a décima parte.

O ato de doar dez por cento de todo o seu rendimento mensal encontra fundamentação na passagem bíblica que diz:

Trazei todo o dizimo à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não abrir as janelas dos céus e não derramar sobre vós, bênçãos sem medidas (Malaquias 3. 10).

Contudo, há uma diferença entre o dizimo e a oferta. O dizimo, é uma obrigação mensal, significa que Deus está em primeiro lugar na vida do fiel dizimista, já a oferta é um ato espontâneo do fiel ofertante que vai depender do nível de seu amor a Deus e sua Igreja e não existe uma porcentagem estipulada para a doação da oferta.

De acordo com Edir Macedo (2005, p. 30), para que um cristão receba bênçãos ele deve indispensavelmente acreditar que Deus quer que você prospere nas suas finanças; e estar disposto a arcar com as despesas e a administração da casa e da obra de Deus.

Outro grande incentivo para arrecadação de dinheiro é a participação em correntes, que é um período de sete semanas seguidas que visa o alcance de uma bênção importante. Para participar destas correntes não é necessário a conversão dos participantes, basta participarem e fazer suas ofertas financeiras.

Outra fonte de arrecadação de dinheiro para a Igreja é a venda de bens simbólicos, como por exemplo, Bíblia, livros, CD etc. Além da venda de bens carregados de sacralidades, como por exemplo, águas ditas vindas do Rio Jordão, azeites unguídos em Jerusalém, lencinhos unguídos de água benta.

Segundo Foucault, há um emprego de técnicas de dominação, que ele chama de “Tecnologias” Existem as *tecnologias de produção, as de sistemas de signos, as de poder e as tecnologias do Eu*. As tecnologias do Eu, “permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos e conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim, uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade” (Foucault, 1996, p. 48)

Considerando que a presente Dissertação gira em torno do discurso religioso da IURD, entende-se oportuno tratar do processo de secularização e espaço público, conforme apresentado por Montero (2009). Segundo a autora, percebe-se uma mudança de perspectiva religiosa a partir dos anos de 1980, em especial com os movimentos neopentecostais e suas vertentes – a exemplo do movimento carismático –, que independente dos posicionamentos – repercutiu nas agendas de pesquisas no campo das ciências da religião (idem, 2009, p.7-8).

O que assistimos hoje, segundo Montero (2009), é um fenômeno novo sobre tudo no que se refere a esta ‘invasão’ (grifo nosso) do espaço público. O que a autora vem a caracterizar ao longo de nossa história é a tentativa de racionalizar - aos mesmos moldes da perspectiva weberiana – a vida privada. No entanto, no Brasil essas tentativas não foram exitosas tendo em vista que é, justamente, no âmbito da vida privada que a religião se faz presente, a exemplo da educação, no campo da saúde e da assistência social (MONTERO, 2009, p.9). Autora cita que no campo da política as bancadas evangélicas se fazem presentes, o que fica evidente neste cenário é a influência do discurso religioso na vida dos indivíduos, agora ainda mais forte com a teologia da prosperidade que soube fazer a junção entre as noções de mercado e as teorias do dom – presentes na antropologia (idem).

A grande maioria da população deposita sua confiança e fé perante aquele que exerce uma atividade religiosa e professa sua fé. É este religioso que conquista a confiança das pessoas e muitas vezes não correspondem dignamente o papel que ocupam, ligando-se a má-fé causando danos de ordem material e espiritual para os crédulos de suas palavras. Daí o grande número de críticas e controvérsias contra a Universal, em de modo especial em relação à cobrança de dízimos e um “suposto” desvio para enriquecimento dos pastores. Algumas destas acusações chegaram ao Supremo Tribunal Federal (STF), contudo formam arquivadas.

Em um país como o Brasil no qual sua população é peculiarmente caracterizada por credences populares provenientes da cultura de povos de etnias diferentes que atuaram no processo de colonização pátrio, facilita assim o surgimento de pessoas baseando-se muitas vezes nessas culturas paralelas para emitir ou deflagrar uma modalidade de professar a fé de maneira milagrosa e desprovida de compromissos morais e éticos.

É nesse cenário que se encontra um universo considerável de fiéis, independentemente de uma religião específica, que restam prejudicados por líderes religiosos que ludibriam estas pessoas com o intuito de auferir vantagens de natureza político-ideológico, bem como financeiras.

A teologia da prosperidade se lança como a verdadeira doutrina cristã. Os defensores desta doutrina afirma que as promessas de Deus da prosperidade se aplicam aos cristãos de hoje. Ainda segundo estes defensores da teologia da prosperidade, as promessas bíblicas de bênçãos têm sido erroneamente interpretadas somente por um viés espiritual devendo também ser interpretadas de uma maneira mais literal.

Evidencia-se que grande parte da literatura sócio-antropológica atual converge no sentido de corroborar que a presença das religiões no chamado espaço público depende de sua capacidade midiática. A esse respeito Montero (2009) sugere que a presença das religiões no espaço público é concebida de forma metafórica como um mercado, onde na disputa pela fé, pessoas e coisas transitam em um discurso religioso cujo sucesso está condicionado a capacidade da religião ser inserida como espetáculo.

Assevera, ainda que neste cenário:

Experiências televisivas como as do pentecostalismo e neopentecostalismo nos anos 1980 e dos carismáticos na década subsequente perturbam os observadores da cena religiosa e inquietam os que não conseguem mais reconhecer nesses movimentos de massa as formas religiosas tradicionais. Os mais pessimistas lamentam a dessacralização do religioso, os otimistas procuram ver nessa espetacularização do fervor um sinal do revigoramento dos sentimentos religiosos e um antídoto contra o materialismo contemporâneo. (MONTERO, 2009, p.7)

Considerando o cenário de pluralismo religioso peculiar aos nossos dias, observa-se que no discurso religioso centrado em promessas e recompensas, o fiel pode ser prejudicado em sua vida pessoal com desdobramentos morais e materiais, acerca desse pensamento pontua:

Pensamos que as fricções e interfaces existentes entre as distintas religiões que convivem em solo brasileiro obedecem a linhas de forças que as colocam ora em situações de trocas, interpenetrações e comunicações, ora em situações de diferenciação, competição e enfrentamento. A essa sinergia

acrescem-se momentos mais ambivalentes, em que a mistura e a distinção articulam-se produzindo vetores surpreendentes a quem procura soluções formais. Esquadrinhar esse movimento é o meu propósito, buscando reconhecer as configurações e reconfigurações produzidas no processo dinâmico do campo religioso brasileiro (CAMURÇA, 2009, p.174).

A respeito do discurso religioso e as suas repercussões referencia-se a tônica empreendida por Orlandi (2002, p.82) ao propor a discussão entre o Dito e não Dito, vemos:

Na análise de discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra (ORLANDI, 2002, p. 82).

Neste sentido, o discurso religioso pela sua essência pode causar, ao fiel adepto de determinada instituição religiosa, dano que deve ser reparado na proporção do prejuízo e, portanto, admite-se que o homem que reste prejudicado em sua vida pessoal em decorrência da intervenção de um religioso atuante de má-fé empreendida no discurso posto, legitima o fiel a buscar perante o Poder Judiciário eventual indenização pecuniária.

Ainda sobre os aspectos acima, vê-se que todo esse processo foi acompanhado por um crescimento em números de adeptos, caracterizando que as estratégias de convencimento tem apontado resultados. Segundo dados do censo IBGE⁹ 2010, a população evangélica somavam 42,3 milhões - 22,2% da população, apontado ser esta uma tendência em expansão, que traz características de um processo de evangelização feito em grande medida pelos meios de comunicação e marcadamente a segmentos sociais específicos, o mesmo censo demonstra que a grande maioria do segmento religioso recebe até um salário mínimo (60%), que num perfil socioeconômico pautado em necessidades básicas tende ainda mais valorizar estratégias que sejam concebidas em metáforas como um mercado.

Ainda analisando o discurso da IURD, percebe-se um discurso mágico-religioso, onde eles retornam ao mito da origem do lugar, de uma terra santificada onde ocorrem milagres.

Como lembra Bourdieu:

A tradição de todas as gerações mortas pesa excessivamente sobre o cérebro dos vivos. E mesmo quando parecem ocupados em transforma-se, a si mesmo e as coisas, em criar algo inteiramente novo, é justamente nestas épocas de crise revolucionária que evocam com temor os espíritos do passado, tomando-lhes empréstimos em seu nome, suas palavras de ordem, seus costumes, para que possam surgir sobre o novo palco da história sob o

9 Ver: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espirtas-sem-religiao>

disfarce respeitável e com essa linguagem emprestada (BOURDIEU, 1995, p. 77).

Partindo desses dados e das discussões iniciais o primeiro capítulo irá traçar em perspectivas sobre a origem e características do neopentecostalismo no Brasil para em seguida tratar, nesse contexto, sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mostrando sua origem e leituras que demonstram um olhar a partir das ciências da religião. Por fim, problematizar a luz de referências no campo do estudo, não é apenas descrever esses processos, mas lançar uma compreensão crítica sobre a IURD numa sociedade que ainda assiste, mas desconhece as dinâmicas deste novo fenômeno religioso no Brasil.

1.3. Entendendo o movimento neopentecostal: o modo IURD

Analisar a identidade protestante neopentecostal requer discutir as redes de significações que a problemática nos apresenta diversos lugares sociais. De acordo com Bauman (2005, p. 22-38), não há nada para descobrir na identidade, mas sim inventar com o intuito de se atingir determinados objetivos, mesmo que se tenha que ocultar a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da realidade.

Quando lemos o Jornal Folha Universal, que é um dos meios de comunicação de que se vale a Igreja Universal do Reino de Deus para difundir seus pensamentos, podemos perceber através de suas páginas como o sagrado se manifesta e se sustenta no profano, de como a religião foi associada aos bens de consumo na modernidade.

A chegada da modernidade apresenta dois caminhos distintos para a magia: a persistência de práticas mágicas e a manipulação do sagrado entre as camadas mais populares. Entendendo que a prática social da magia ocorre neste processo histórico de formação da sociedade brasileira na qual a mentalidade religiosa foi sustentada pelas diversas matrizes africanas, europeia e indígena. E valendo-se de sentidos dados a símbolos que já eram conhecidos, a IURD ressignifica práticas e imagens religiosas durante a sua expansão e consolidação do campo religioso brasileiro.

Através da análise do discurso de pastores da IURD, iremos identificar a maneira como o neopentecostalismo iurdiano veicula a população participante via cultos, programas de rádio e de televisão a contribuírem financeiramente para a manutenção desta obra religiosa. Pois é através da mídia que o fundamento ideológico das práticas mágicas da IURD é difundido. Principalmente a Teologia da Prosperidade e a “guerra santa”, já que a magia

envolvida no rito iurdiano tem como origem o combate do mal e como objetivo principal, a prosperidade em suas diversas dimensões.

E com o surgimento da modernidade e do tão difundido desencadeamento do mundo, podemos perceber uma ligação entre os conhecimentos mágicos ou espirituais e aos conhecimentos científicos.

O neopentecostalismo iurdiano realiza a magia entre os fundamentos da Teologia da prosperidade e na luta contra o mal e tem como grande aliado para difusão de seus pensamentos as mídias. E este grande investimento nas mídias e nas estruturas do episcopado foram herança do novo pentecostalismo da Igreja Nova vida, da qual Edir Macedo fez parte.

As habilidades religiosas de Edir Macedo fizeram com que a IURD tivesse um grande crescimento nas últimas décadas fazendo surgir um império de mais de dois milhões de adeptos.

O discurso da IURD se adequa com precisão cirúrgica a realidade social das pessoas necessitadas, desempregadas e marginalizadas de um modo geral oferecendo para essas pessoas hipossuficientes solução para os problemas das pessoas. A prática discursiva da IURD, que é caracterizada pelo discurso de apelo mágico, está ligada aos discursos com ideias e valores próprios da religiosidade popular.

Essa liberdade e ideologia religiosa da modernidade que existe na IURD lembra bastante o discurso de Bauman:

Dizer “desejo” talvez seja demais. É como um shopping: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo. Como observou Harvie-Ferguson, compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor de postergar, preferindo a “satisfação instantânea”) (BAUMAN, 2004, p.26)

A modernidade tem alterado o curso da história. E seguindo este curso, o neopentecostalismo tem se constituído e se alimentado de tudo o que for imediato, dos acontecimentos ou de nossos desejos. A modernidade tem feito o homem religioso de refém.

Na modernidade as pessoas vivem angustiadas, reféns do imprevisível, do que é desconhecido. Significa que vivemos num mundo liquido fluido, de muitas incertezas e poucas certezas. Pascal descreve bem este sentimento:

Quando considero a breve duração de minha vida absorvida na eternidade do que vem antes ou depois. O pequeno espaço que ocupo e que vejo ser engolido pela infinita imensidão do espaço de que nada sei e que nada sabem sobre mim, fico amedrontado e surpreso por me ver aqui e não ali, agora e não depois (PASCAL, 2005, p. 78).

Este sentimento retrata a modernidade do universo, onde as intenções são imprevisíveis, o homem em constante incerteza.

Como lembra Pascal:

Quem estiver interessado nos dias de hoje, em coisas de longa duração, melhor investir no prolongamento da vida corpórea individual do que em “causas eternas” [...] dado o caráter evidentemente frágil e transitório, tudo que não seja a sobrevivência do indivíduo parece um mal investimento (PASCAL, 2005, p. 80).

A religiosidade protestante neopentecostal do Brasil parece surgir de uma mentalidade moderna voltada para a racionalidade ideológica capitalista. Não há nada de novo na religiosidade neopentecostal a criação de expressões simbólicas mitológicas em seus discursos.

O movimento neopentecostal tem nos últimos anos ocupado relevância nos estudos da religião, mas além do que vem sendo publicado é notório no Brasil sua expansão e suas formas de expressão nos mais diversos campos da sociedade, a exemplo dos programas televisivos com suas lideranças ganhando projeção nacional, ou caso mais emblemático, da Universal do Reino de Deus, que tem sobre sua influência direta uma das maiores redes de televisão do Brasil e, mais recentemente, o maior tempo religioso do Brasil “O templo de Salomão”, que por sua grandeza atraiu visita de governadores e chefes de Estado na sua inauguração¹⁰, enfim, local que chama atenção por sua grandeza, mas que, igualmente, reflete um momento do neopentecostalismo no Brasil.

Segundo Campos voltar-se aos estudos do pentecostalismo na América Latina, primeiramente, é mergulhar sobre exigências epistemológicas, na busca das mudanças das religiões. Nessas mudanças “o papel dos novos movimentos religiosos” (Campos, 1999, p.30-31).

Neste sentido vemos que das igrejas pentecostais, certamente, a UIRD é mais conhecida. Não faltam razões para tal. Dona de uma das maiores redes de comunicação do Brasil, a TV Record, possui em todo território nacional uma ampla programação que a torna, não apenas conhecida, mas atuante. No entanto, o que se deve considerar não é apenas isso, mas perceber que nos meios de comunicação está apenas uma de suas ferramentas que impulsionam o seu crescimento e expansão. Como uma de suas características está a adoção de símbolos de outras religiões, como o copo com água – semelhante às práticas do

10 Ver: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-09-01/na-internet-templo-de-salomao-impulsiona-briga-entre-denominacoes-evangelicas.html> Acesso em: 20 de agosto de 2015.

kadecismo e/ou mesmo do catolicismo com água benta, em algumas cerimônias é possível perceber uso de trajes usados por outras religiões. Campos (1999) aponta que muito das práticas da Igreja Universal são legitimadas pelos mesmos princípios do sistema capitalista. Primeiro, adotando características de um liberalismo de mercado, ou seja, demandas que são atendidas e outras criadas, mas para, além disto, ocupação dos espaços socialmente ocupados por grupos “culturais intermediários” - a exemplo da Igreja Católica, dos protestantes tradicionais, das religiões afro-brasileiras, etc. Ao mesmo tempo em que vai expandido sua influência sobre estes segmentos, os mesmos tecem suas críticas à forma de atuação.

Campos aponta que devemos entender a IURD por suas características próprias, no qual alterna um discurso de prosperidade à uma população na sua maioria carentes de recursos e de assistência do poder público, ao mesmo tempo que apropriasse de símbolos religiosos. Percebe-se mais claramente esses pontos porque assistimos na grande mídia, no entanto, Campos (idem) nos aponta três pontos importantes que avançam neste percepção: como pensam e se comportam seus líderes e seguidores e, segundo, qual papel do marketing e da imprensa?

Mesmo não fazendo parte da problemática central deste trabalho, a IURD destaca-se (como já apontado) como um movimento neopentecostal, que segundo Campos

[...] é um movimento neopentecostal, que se propaga numa sociedade pluralista cujo campo religioso concorrencial e turbulento facilita o surgimento de entidades ágeis, sintonizadas com as necessidades e desejos de um público devidamente segmentado, formando assim seu próprio mercado, empregando para isso estratégias de marketing e de propaganda, que tomam corpo em uma retórica e teologia adaptáveis aos interesses de uma sociedade capitalista em processo de globalização (CAMPOS, 1999, p. 357).

Partindo dessa possibilidade concorrencial seu empreendimento utiliza-se de um “maniqueísmo entre Deus e o diabo” (idem, 358), se constituindo em estratégias permanentes de ação. Portanto, não se vê apenas um símbolo ou ritual, mas rituais de curas, mensagens contextualizadas de acordo com as necessidades de seu público. Campos vai apontar essa dinâmica como um *estilo de vida* que vai estar mais presente nas periferias, num movimento pentecostal de terceira onda (*apud* Freston), mas que no caso brasileiro amplia-se a segmentos da classe média. Percebe-se, com isso, que o entendimento da IURD, não está apenas na percepção externa de suas práticas, mas principalmente, como esta vai se adaptando ao mercado da fé, ao atendimento das necessidades de seus fiéis – quase sempre vinculados a

problemas de natureza material (leia-se econômica e social) que vai vinculando-se a outras características culturais aos grupos sociais nela presentes.

Sua forma de atuação não é “a-histórica” e a própria maneira como conduz seus “serviços” reflete à mesma lógica do mercado (Campos, 1999, p.359). O modelo da IURD distancia-se do tradicional, como as próprias manifestações culturais da sociedade pós-moderna (cf. Kumar, 1977) – neste sentido, na se trata mais de uma identificação com o “universal” ou na construção de uma humanidade pautada, apenas nos interesses coletivos. Vê-se na IURD um modo que em que o foco está nos indivíduo, no qual a própria ideia de progresso material, tão presente nos depoimentos de indivíduos ao falarem de seus “milagres” demonstra o poder de uma magia sobre o mal que o impedia de progredir. No entanto, Campos (1999) chama atenção para ausência de um dos elementos essenciais da pós-modernidade: a maturidade do espírito humano – neste caso, sua ausência.

Portanto, para Campos (idem) a religiosidade da IURD pautada no controle das massas constitui um reforço a formas antigas de dominação, portanto, algo que reforça formas antigas de dominação e/ou que, pelo menos, não constitui um perigo às oligarquias. Diferente de outros movimentos religiosos, a exemplo, da teologia da libertação nas décadas de 70 e 80, em que segmentos da Igreja Católica propunham uma religiosidade libertadora, ou mesmo de outros movimentos religiosos cujo sua religiosidade não estava pautada apenas na magia. Isso coloca a IURD com características particulares, conforme pontuada por Campos (idem, p. 360):

- O teatro - aqui vendo toda uma performance teatral de atuação – em especial dos seus pastores;
- Os templos – local do ato dramático, muito marcado pela emoção dos ritos empregados. O grande ápice deste local de dramaturgia é o templo de Salomão, localizado no bairro do Brás em São Paulo;
- O mercado- os produtos simbólicos são os resultados oferecidos por meio da fé.

Soma-se a isto, um poderoso sistema de comunicação composto por rádio, TV, internet e impressos, que tem fortalecido ao longo dos anos sua expansão. Como parte desta influência o campo da política passou buscar influência na IURD, numa proximidade de atores políticos, também, muito associada ao um modo de atuação. No entanto, ressaltam-se perspectivas no qual sua prática são vistos por OLIVEIRA (2004) como inculturação, que traz como processo a mensagem do cristianismo na incorporação de um estilo de vida cristã. Portanto, Oliveira (2004) vai destacar os seguintes caminhos para este processo de inculturação:

- IURD recupera ELEMENTOS da religiosidade popular – Parte dos traços próprios da cultura brasileira – torna a mensagem evangélica SIGNIFICATIVA às necessidades de seus fiéis.
- Os pentecostais chegaram com uma linguagem e um DISCURSO familiar a estas populações CARENTES DE CARINHO E ATENÇÃO.
- RETOMADA tipo de religiosidade até então PRETERIDA por muitas instituições religiosas tradicionais.
- VANGUARDA PASTORAL : Algumas igrejas com especial destaque e relevo para IURD se especializaram num tipo de atendimento DIRETO E PERSONALIZADO atacando diretamente os males que causam aflições aos seus fiéis.
- ATACAM através de seu discurso à sensibilidade das pessoas DESPERTAM EMOÇÕES e **encorajamento para enfrentamento da realidade AINDA QUE ACriticamente.**

Oliveira (2004, pág 39) destaca que o crescimento da IURD se contrapõe aos modelos das igrejas tradicionais, fechadas numa pastoral estática e territorialista, deixaram espaços que, rapidamente, foram sendo ocupados pelas igrejas evangélicas pentecostais. A pastoral dos pentecostais, por ser mais dinâmica, descentralizada e flexível, permitiu de certa forma sua expansão e ocupação do espaço urbano, não estando imobilizadas em espaços territoriais definidos. Isto reforçará, segundo o autor, uma diferenciação dentro do próprio modelo pentecostal para o neopentecostal, sendo estes segundos “expansionistas e renováveis” (idem, p.40). Estão presentes neste caráter renovador elementos que tornam, por exemplo, uma participação mais dinâmica das comunidades locais (em especial dos bairros) e a presença de pessoas da própria comunidade na condução dos ritos da evangelização, diferente de perspectivas mais tradicionais, no qual se requer uma formação especial. Para Oliveira essa “proximidade” favoreceu seu crescimento, tendo por base este processo de inculturação - numa assimilação de valores, novas práticas sociais, facilmente adaptáveis à realidade das pessoas.

CAPÍTULO 2

DO DISCURSO IURDIANO AOS DANOS CAUSADOS AOS SEUS SEGUIDORES

Após a análise no primeiro capítulo do surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e de conhecermos a Teologia da Prosperidade, analisaremos o significado de danos morais e as consequências destes danos para a vida dos fiéis desta Igreja, através da cobrança de dízimos e de dinheiro em troca de prosperidade, de curas espirituais e corporais.

2.1. Discurso iurdiano

A igreja Universal em seus discursos usa a aquisição de bens materiais, de riqueza, como quesito para marcar as distinções sociais. Vejamos:

No que consiste uma vida abundante? É você comer o melhor, é você ter o seu carro zero quilômetro... já pensou você ter um carro velho quebrando todo dia na rua... Poxa, que vida é essa? Poxa... Meu carro me dá problema todo o dia. É você olhar para sua família e “lá em casa ta tudo doente”. É você olhar pra sua casa, sua casa como se costuma dizer “chove mais dentro do que fora”. Quer dizer, o meu Pai é rico, é dono de tudo. Ele diz “minha prata, meu ouro”. E eu, no entanto, vivo uma vida miserável, meu carro quebrando, o meu salário mal dá para pagar minhas despesas básicas, eu não tenho um lazer com minha família, eu não tenho uma vida próspera (ANDRADE, 2009)¹¹.

Na IURD a Teologia da Prosperidade funciona como um antídoto para combater a desigualdade social, a falta de recursos, ou seja, para combater o mal. A IURD se utiliza do sobrenatural para combater o mal e para solucionar os problemas terrenos. O pastor só ajuda a orientar, mas não tem o poder de dar a graça da salvação. E a prosperidade só se faz presente se o fiel assim merecer.

Então, por isso que hoje, nós temos na igreja ex-mendigos, que chegaram na igreja mendigos, maltrapilhos, fétidos. Como a Igreja Universal está de portas abertas tanto para o milionário, quanto o mendigo. Então a pessoa sentou lá no cantinho dela e começou a ouvir o pastor ou bispo, tanto faz pastor ou bispo pregar, que Deus é rico, que Deus quer que nós tenhamos o melhor, que Deus quer que nós tenhamos uma vida farta, abundante. Aí então essas pessoas assim... “poxa, quer dizer que eu sou mendigo e Deus não quer que eu viva assim, Deus é um pai que quer que os filhos sejam ricos. Ah não, eu vou me tornar um dizimista. Dos papêlões que eu vendo eu

¹¹ ANDRADE, Paulo Cesar Ribeiro de. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal. 2009. Entrevista concedida a Fernanda Vendramini Gallo.

vou tirar o dízimo.” Que é a décima parte do que a pessoa recebe que a Bíblia ensina, não é a igreja Universal, não são as igrejas evangélicas que ensinam, mas a Bíblia ensina isso... “Vou começar a tirar o dízimo e vou fazer isso e vou fazer aquilo”. Então essas pessoas começaram a se revoltar com a situação e não com Deus. Muitas pessoas infelizmente veem a situação difícil e se revoltam com Deus, “Deus me deixa nessa vida, Deus não quer... Deus não me ama”. Não! A culpa é da pessoa, a pessoa que procurou de uma maneira ou de outra essa vida (ANDRADE, 2009)¹²

E nessa procura de melhores condições econômicas, de acordo com Lima (2010), os fiéis são orientados a investirem no comércio, em acreditar em seu potencial de comerciante. E para que essa prosperidade possa ser realmente feita, os fiéis devem ser pontuais com seu dízimo, realizar o sacrifício, ou seja, seu contrato com Deus.

Para os iurdianos, muitos são os obstáculos que tentarão atrapalhar o sucesso, a prosperidade de seus fiéis. Muitos pastores, nos seus cultos, chegam a afirmar, que a culpa por essas dificuldades estão não outras igrejas, na mídia, nos familiares e até mesmo nas Universidades, que são inimigas da prosperidade. Mas os que mais sofrem são as religiões Católicas, Espíritas e, sobretudo as de matrizes africanas. Observemos este discurso:

No início a igreja era muito perseguida por pessoas religiosas que cultuavam os espíritos, as entidades, e por nós combatemos não a religião em si, mas os espíritos enganadores que atuavam naquelas pessoas de uma forma direta ou indireta que destruindo vidas. Se você me perguntar, vou ficar aqui até amanhã dizendo com quantas pessoas eu já conversei e estavam com espíritos em suas vidas, fazendo-as é... pensar em morte, em tirar a vida de alguém, coisas desse gênero. Então, quantas pessoas nós já vimos nesses 30 anos na Igreja Universal? Muitas, mas por quê? Por que essas pessoas usadas pelas forças do mal, queriam fazer coisas negativas. Quando uma vez expulsa esses espíritos, quando eu dizia “em nome do Jesus, sai!” Eles saíam, obedeciam ao nome de Jesus, saíam, e as pessoas se libertavam e passavam a ter outra mente... Quer dizer, a cabeça da pessoa mudava completamente, porque o que fazia ela pensar negativamente era o espírito. E aquele espírito uma vez expulso de dentro dela, pronto. Ela ficava livre dele e usava do pensamento dela, que era bom. Então por essa razão que a gente vê essa perseguição até hoje. Os espíritos usam as pessoas contra a gente, pra tentar impedir o crescimento da Igreja (ANDRADE, 2009)¹³

Em outro momento vemos um discurso de um pastor chamado Paulo que trata as divindades como uma designação do mal, que enganam o fiel e o impedem de possuir o verdadeiro reino dos Céus.

Até os meus 20 anos, aos 19 anos eu fui católico-macumbeiro... Enfim, muitos problemas de ordem familiar que me levaram a procurar a Igreja

¹² ANDRADE, Paulo Cesar Ribeiro de. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal. 2009. Entrevista concedida a Fernanda Vendramini Gallo.

¹³ ANDRADE, Paulo Cesar Ribeiro de. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal. 2009. Entrevista concedida a Fernanda Vendramini Gallo.

Universal. Alias, antes disso, então nós mesmos católicos, nós procurávamos os centros espíritas lá no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, procurando solução pros nossos problemas, e a cada dia mais a situação se agravando dentro de casa... E a minha mãe então, procurando depois de fazer promessas e tanto as missas não via resultado. Disseram pra ela: “procura um centro espírita, isso deve ser trabalho”, e ela foi fazer os trabalhos que eram mandados fazer e esses trabalhos não adiantavam de nada, muito pelo contrário, parecia que ela estava cada dia pior (ANDRADE, 2009)¹⁴.

Percebemos que através destes discursos, os fiéis iurdianos são levados a crer que o mal está em outros lugares que não a Igreja Universal do Reino de Deus, pois só ela é capaz de levar o fiel ao encontro do Deus verdadeiro. Ao mesmo tempo, vê-se que a ausência de um conhecimento teológico mais rigoroso leva a uma interpretação equivocada das outras denominações religiosas, a exemplo do termo “católico-macumbeiro”, numa crítica que está além do sincretismo religioso brasileiro. Ao mesmo tempo da crítica vê-se que apenas seus rituais – que se assemelham às práticas criticadas – têm esse poder divino de resolver os problemas. As naturezas dos problemas estão sempre voltadas às dificuldades com a família, problemas financeiros e/ou situações que o fiel está em desespero, cuja palavra por força de um discurso persuasivo tende a direcioná-los a intenção daquilo que os pastores mandam. Através do dízimo, através da Teologia da Prosperidade. E esse discurso faz com que o crente seja levado a doar mais e mais para a igreja.

Utiliza um discurso ambíguo, onde é preciso não se apegar as suas economias e bens materiais e doar para a Igreja, para assim conquistar mais sucesso financeiro.

Na realidade o que busca, o que se pretende é obter dos fieis, muitas vezes desesperados, é mais dinheiro, mais bens para a Igreja com um discurso de que quem dá a Deus recebe sempre mais, conforme trecho do Evangelho de Marcos:

Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e por amor do Evangelho, que não receba já no presente o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e no mundo vindouro a vida eterna. (Marcos 10:29,30)

Além de todas as perspectivas e falas apresentadas na construção do discurso e do convencimento, não podemos desconsiderar o aspecto das questões sociais que permeiam e, muitas vezes, são determinantes na condição de vida das pessoas que procuram a Universal – embora, podemos frisar que isto não é característica exclusiva desta instituição. Segundo o relatório do Novo Mapa das Religiões (2011) está caracterização da divisão social em renda e

¹⁴ Idem

formação tende a direcionar uma maior e/ou menor adesão a participação religiosa, no caso específico do Brasil a renda per capita dos evangélicos chega a ser entre 6,9% a 6% inferior dos católicos (tomando como exemplo). Esse é apenas um dado que não serve para caracterizar, mas pensarmos que na construção de discurso e de um perfil o poder do convencimento passar pelas superações das questões materiais. Dívida, desemprego, doenças, problemas familiares não veem direcionados a classes sociais específicas, no entanto, não podemos desconsiderar que é sobre os mais pobres em que pesam os maiores problemas da sociedade atual.

Outro elemento que não podemos desconsiderar são os aspectos da modernidade – que será criticado a partir da análise de Fromm (1982) em pormenor – que, enquanto projeto, numa sociedade de consumo foi capaz de criar valores e necessidades. Segundo Beck (1997) a emergência de novas perspectivas sociais advindas com o fim da Guerra Fria e a supremacia de um único modelo econômico significou a desconstrução e construção de uma nova realidade definida pelo autor como “Modernidade Reflexiva”. Pensar sobre os paradigmas da sociedade reflexiva requer analisá-la sobre os impactos de velhas e novas estruturas sociais que vão se refazendo. Flexibilidade no mundo trabalho, somados a maior participação das mulheres no mundo do trabalho derrubou limites do trabalho e não trabalho. Neste sentido, sua importância não é tratar de uma formalidade do trabalho que se desfaz – ou, pelo menos, tem menos espaço na organização econômica da sociedade – mas, de como o cotidiano vai modificando diante da incerteza do trabalho, de como inserir-se numa sociedade, cujos valores maiores estão pautados na ideia de consumo. O grande projeto da modernidade de liberdades e realizações individuais vai dissolvendo-se em função de interesses que não se pautam em grandes teorias que se opõem enquanto alternativa.

Vive-se a prática da individualização (idem, p.24) na construção desta nova modernidade. O projeto inicial de modernidade previa um papel central para o Estado que vai ganhando dimensões (em muitos locais totalitários) que respondessem todas as perspectivas do indivíduo. Trabalho, educação, saúde, seguridades sociais, enfim, um projeto que o ajudaria na consolidação e emancipação dos seus desejos. Soma-se a instrumentalização e racionalização da vida, um distanciamento das questões religiosas, muitas vezes como oposição ao que se tinha no período medieval. Esse processo de individualização não é mesmo descrito na sociologia clássica como democracia da igualdade (cf. Mata, 2008).

Certamente, é característico do discurso iurdiano a representação “faça você mesmo”, em desconsideração aos aspectos sociais, ao contrário do que foi realizado por segmentos do catolicismo com a Teologia da Libertação e/ou mesmo por movimentos protestantes

tradicionais que conciliavam suas práticas pastorais com movimentos de uma ordem social. Assim como em qualquer tempo e circunstância histórico-social o campo religioso mantém sua importância na compreensão da realidade social que se estuda. Segundo Mata, apud Troeltsch, (2008, p. 241), “a religião moderna não se esgota nas Igrejas”, portanto, no seio de uma tradição religiosa – tomando o caso brasileiro – composta por elementos de um sincretismo religioso, somados às dificuldades da modernidade, a IURD encontra seu espaço “ideal” (tipo ideal weberiano) como elemento de aglutinação destas novas manifestações.

2.1 O que é o dano moral

Podemos conceituar danos morais como sendo aqueles danos que atingem a moral da pessoa, a sua reputação, a sua honra, a sua dignidade, integridade, paz de espírito como pessoa e que por isso acaba lhe trazendo grandes e sérios problemas. E em razão deste dano, surge para a pessoa que teve algum prejuízo em virtude do dano, o direito a uma indenização por danos morais.

Esta indenização nada mais é do que uma reparação financeira, como forma de compensar os problemas e os transtornos morais sofridos. E este valor é calculado ou estipulado dependendo do cada caso analisando pelo judiciário que levará em condição vários aspectos subjetivos, ou seja, a faixa etária do prejudicado, formação acadêmica, profissão, estado civil, condição de saúde, constitui portanto uma avaliação casuística a ser feita pelo magistrado que analisará cada caso em conformidade com suas características e seguindo o seu grau de convicção a respeito do dano sofrido.

Como veremos o dano moral não é um instituto tão pacífico para conceituar-se. Doutrinadores, juristas renomados encontram grandes obstáculos para conceituá-lo. Vejamos.

Existem várias definições na doutrina brasileira sobre o instituto do dano moral. A jurista Maria Helena Diniz estabelece o dano moral como sendo “a lesão de interesses não patrimoniais de pessoa física ou jurídica provocada pelo ato lesivo” (DINIZ, 2003. p. 55). Já na concepção de Melo,

Dano moral é o que atinge o ofendido como pessoa não lesando o seu patrimônio. É a lesão de bem que integra os direitos de personalidade, como a honra, a dignidade, a intimidade, a imagem, o bom nome, etc. como se infere dos artigos 1º III e 5º V e X da Constituição Federal, e que acarreta ao lesado, dor, sofrimento, tristeza, vexame e humilhação” (MELO, 2004, p.9).

O jurista Aguiar Dias sustenta que:

O dano moral é o efeito não patrimonial da lesão de direito e não a própria lesão, abstratamente considerada. O conceito de dano é único, e corresponde a lesão de direito. Os efeitos da injúria podem ser patrimoniais ou não, e acarretar, assim, a divisão dos danos em patrimoniais ou não patrimoniais. Os efeitos não patrimoniais da injúria constituem os danos não patrimoniais” (DIAS, 1987, p. 852).

Como observamos, em primeiro lugar é possível considerar que o dano moral está vinculado a dor, a angústia, constrangimento, ao sofrimento e a tristeza. Contudo, não está restrito a estes elementos, de maneira que ele também se estende a todos os direitos personalíssimos.

Os doutrinadores ainda discutem sobre a conceituação deste instituto jurídico. Pois segundo alguns juristas italianos, ela não é adequada para representar todas as maneiras de prejuízos não fixáveis patrimonialmente. Para eles, seria mais adequado o emprego da expressão “danos imateriais” ou “danos extrapatrimoniais”.

A grande dúvida atual está em torno da discussão do valor financeiro da indenização nos caso de danos morais, uma vez que não é possível recompor os danos morais suportados pelos fiéis da IURD até pelo fato de sofrerem repercussão em suas vidas. Por maior que seja o valor indenizatório, o mesmo não consegue restaurar a vida do prejudicado para uma situação anterior a lesão. O pastor iurdiano em sua fala pastoral produz por vezes muitos danos na vida dos fiéis que são seduzidos pela promessa de uma vida promissora com sucesso no campo patrimonial. Contribua com seu carro, sua casa, seu salário e entrarás no céu. Terás todas as suas aflições sanadas. É dando que se recebe considerada a assertiva maior no discurso utilizado. Ressaltando que os tribunais estão cada vez mais receptivos a essa estratégia da fé com exploração do outro pela enganação e dolo capazes de causarem danos diversos na vida dessas pessoas que por serem carentes em diversos aspectos são facilmente abocanhadas por esses algozes da palavra que consegue fazer o seu ouvinte seguidor a abrir mão de seu salário, aplicações domésticas e bens patrimoniais que por fim serão entregues nas mãos de seu pastor.

2.2 Evolução e expansão do instituto dos danos morais

O dano moral é um instituto que está presente desde os primórdios da humanidade. Para o jurista Clayton Reis:

A noção de reparação de dano encontra-se claramente definida no Código de Hamurabi. As ofensas pessoais eram reparadas na mesma classe social, à causa de ofensas idênticas. Todavia o código incluía ainda a reparação do

dano à custa de pagamento de um valor pecuniário”. (REIS apud GAGLIANO; PAMPLONA FILHO, 2004, p. 58)

Na sociedade hindu também havia referências ao dano moral. No direito romano encontramos grande preocupação com a honra. Nesta sociedade a lei das XII tábuas previa penas patrimoniais para crimes como a injúria e o dano. Conforme podemos verificar na narração de Pablo Stolze Gagliano e Rodolfo Pamplona:

Os cidadãos romanos, que eventualmente fosse vítimas de injúrias, vale-se da ação pretoriana que se denominava *injuriarum aestimatoria*. Nesta, reclamavam uma reparação do dano através de uma soma em dinheiro, prudentemente arbitrada pelo juiz, que analisaria todas as circunstâncias do caso” (GAGLIANO; PAMPLONA FILHO, 2004, p. 62).

Quando de sua chegada ao Brasil, este instituto sofreu grande embaraço. Durante muito tempo houve uma discussão se o dano moral deveria ser indenizado ou não. Antes da Constituição de 1988 o jurista Agostinho Alvim afirma que:

Em doutrina pura, quase ninguém sustenta hoje a irreparabilidade dos danos morais. É assim a obrigação de reparar tais danos vai se impondo as legislações, mais ousadamente aqui, mais timidamente ali, já se admitindo a reparação, como regra, já, somente, nos casos expressamente previstos” (ALVIM, 1980, p. 220-221).

Foi com a Carta Magna de 1988 que se institucionalizou de fato e de direito a aceitação dos danos morais no Brasil, inclusive prevendo explicitamente a sua aplicação. Esta previsão constitucional está bem clara no Art. 5º, incisos V e X: “Art. 5º, V: É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem” e “Art. 5º, X: São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

Outro importante jurista que tratou do assunto foi o constitucionalista José Afonso da Silva que nos diz:

A vida humana, que é o objeto do direito assegurado, no artigo 5º, *caput*, integra-se de elementos materiais (físicos e psíquicos) e imateriais (espirituais). [...] No conteúdo de seu conceito se envolvem o direito à dignidade da pessoa humana [...], o da privacidade [...], o direito a integridade físico-corporal, o direito à integridade moral e, especialmente, o direito a existência.

A vida humana não é apenas um conjunto de elementos materiais. Integram-na, outrossim, valores imateriais, como os morais. A Constituição empresta muita importância à moral como valor ético-social da pessoa e da família, que se impõe ao respeito dos meios de comunicação social (Art. 221, IV). Ela, mais do que as outras, realçou o valor moral individual, tornando-a mesmo um bem indenizável (Art. 5º, incisos V e X). A moral individual sintetiza a honra da pessoa, o bom nome, a boa fama, a reputação que integram a vida humana como dimensão imaterial. Ela e seus componentes

são atributos sem os quais a pessoa fica reduzida a uma condição animal de pequena significação. Dai por que o respeito à integridade moral do indivíduo assume feição de direito fundamental. (SILVA, 2000, p. 201).

O instituto de danos morais também é encontrado no Código Civil de 2002 que é o principal diploma de direito privado em nosso ordenamento jurídico, bem com no Código de Defesa do Consumidor, em seu art. 6º, incisos VI e VII prevê: “a devida prestação e reparação de direitos morais e patrimoniais” e o “acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vista à reparação e prevenção de danos patrimoniais e morais”, na devida ordem. O Código Civil de 2002 no art.186 nos diz: “Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligencia ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito”.

Outro ponto que deve ser destacado no que se refere ao dano moral é o da indenização. Trata-se de um tema bastante controverso. A maioria dos doutrinadores da jurisprudência brasileira tem um posicionamento no sentido da não necessidade de prova, ou seja, é dispensável a prova do prejuízo para se conceder indenização.

Assunto polêmico envolvendo o dano moral é a banalização deste importante instituto. A falta de parâmetros objetivos tem tornado o assunto bastante complicado. Discutindo essa questão Sérgio Cavalieri Filho diz:

Nessa linha de princípios, só deve ser reputado como dano moral a dor, vexame, sofrimento e humilhação que, fugindo à normalidade, interfira intensamente no comportamento psicológico do indivíduo, causando-lhe aflições, angustia e desequilíbrio em seu bem estar. Mero dissabor, aborrecimento, magoa irritação ou sensibilidade exacerbada estão fora de órbita do dano moral, porquanto, além de fazer parte da normalidade do nosso dia-a-dia, no trabalho, no trânsito, entre os amigos e até no ambiente familiar, tais situações não são intensas ou duradouras, ponto de romper o equilíbrio psicológico do indivíduo. Se assim não se entender, acabaremos por banalizar o dano moral, ensejando ações judiciais em busca de indenizações pelos mais triviais aborrecimentos (CAVALIERI, 2008, p. 78).

De acordo com Pedro Lessa, defensor da indenização, em um discurso, e considerado por Rui Barbosa o "mais completo de nossos juízes" (2.4.1917), advogava que "não é necessário que a lei contenha declaração explícita acerca da indenização do dano moral, para que esta seja devida. Na expressão dano, está incluído o dano moral". Remetendo-se aos ensinamentos de Laurent, para quem todo prejuízo deve ser reparado, o dano moral tanto quanto o material.

Já Orlando Gomes acredita que "a expressão dano moral deve ser reservada exclusivamente para designar o agravo que não produz qualquer efeito patrimonial. Se há

consequências de ordem patrimonial, ainda que mediante repercussão, o dano deixa de ser extrapatrimonial" (1961, p. 364).

Assim, uma das maiores dificuldades, do ponto de vista jurídico, é estabelecer as semelhanças e as diferenças entre as doações, quando feitas com liberdade de consciência e as doações impostas aos fiéis através dos discursos dos pastores ou líderes religiosos.

Por ser uma liberalidade de consciência, é considerado um ato metajurídico de cunho religioso que não interessa ao direito e, outro ato também espontâneo que, para alguns doutrinadores não interessa ao Direito, já o instituto civil da doação, também um ato espontâneo, porém, possui todo um arcabouço jurídico.

Por isso, muitas vezes surge alguns questionamentos: o judiciário deve se ocupar dessa temática? As contribuições “obrigatórias” de cunho religioso são ou não fatos também jurídicos ou são simples atos metajurídicos? É possível o juiz reconhecer que alguém pode ser levado pela fala pastoral a dispor seus bens? É ainda aceitável que uma sociedade pautada por um razoável acesso a informação alguém possa ser envolvido por uma fala ou discurso capaz de produzir um ato de doação? São muitas indagações cujas respostas passam a ser encontradas em diversas decisões judiciais em nosso país que recepcionam os argumentos de que alguém pode ser lesado no ambiente religioso e que no caso da presente análise dissertativa esse lócus é o templo da IURD.

O judiciário já se deu conta do número crescente de demandas envolvendo danos morais em relação as igreja e por isso não tem como deixar de discutir a matéria. Matéria que tem provocado calorosos debates sobre as possibilidades de o novo ordenamento civil intervir ou não nos conflitos que vem surgindo entre as igrejas e seus congregados.

Como podemos perceber, o instituto do dano moral é bem complexo. Aceito pela maioria dos doutrinadores, jurisprudências e juristas brasileiros, não existindo dúvidas quanto a necessidade e importância da indenização, porém ainda é bastante banalizado. É um assunto atualíssimo, apesar de ter sido criado há bastante tempo.

2.3 Os danos morais e as consequências das falas pastorais na vida dos iurdianos.

Após análise do conceito de Dano Moral, analisaremos a partir de agora os danos causados pelos discursos pastorais na vida dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Primeiramente vamos ver o caso de uma fiel que foi indenizada em vinte mil reais (R\$20.000,00) por danos morais. A referida fiel é portadora de Transtorno Afetivo Bipolar

(TAB). O Tribunal de Justiça considerou que a mulher foi coagida moralmente a efetuar doações mediante promessas de graças divinas e decidiu, por unanimidade, na 9ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul indenizá-la. (FONTE TJRS)

A autora alegou que estava num momento de fragilidade emocional após um processo de divórcio e passou a frequentar os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus diariamente. E afirmou que foi coagida a reverter seu patrimônio em doações à Igreja após a promessa de que seria curada por Deus se assim o fizesse. A mesma, narra ainda que hoje vive em situação de miserabilidade e por isso pleiteou indenização material e moral.

A igreja Universal do Reino de Deus respondeu a esta ação invocando o direito constitucional à liberdade de crença alegando a inexistência de prova da doação. E o Juiz não entendeu que houve coação, negando assim andamento ao processo, após alegar que não havia provas quanto a doação e a coação moral sofrida.

A autora, porém apelou desta decisão e ganhou a sua pretensão. Segundo o entendimento da relatora do processo, havia provas de que a autora passava por momentos de grandes dificuldades em sua vida afetiva, profissional e psicológica. E baseada no art. 152 do Código Civil de 2002, demonstrou claramente a vulnerabilidade psicológica e emocional, criando um contexto de grande debilidade que favoreceu a cooptação da vontade pelo discurso religioso. O julgamento ocorreu em 26/01/2011. Apelação Nº 70039957287. Com o recurso, a autora que é fiel iurdiana conseguiu ganhar a ação comprovando na justiça que o pastor aproveitou-se da vulnerabilidade emocional da autora induzindo a doação de seu patrimônio material em proveito da IURD.

Outro caso, também ocorrido no Rio Grande do Sul em que o fiel foi orientado a abandonar o tratamento contra a AIDS. Processo Nº 70064055668. Neste processo, o autor relata que vendeu um computador, uma televisão e uma academia de ginástica na expectativa de conseguir dinheiro para fazer doações à Igreja com o objetivo de obter a cura da doença. Passou cerca de quatro meses sem ir ao posto de saúde e tomar os coquetéis/ medicamentos contra a AIDS e durante esse período, sem a medicação adequada, a sua saúde teve uma considerável piora.

O autor ainda afirma que os pastores usavam argumentos muito persuasivos, como por exemplo, “a medicina não sabe de nada” ou “o medico esta enganado”. Nesse caso, há evidências concretas de que ele parou de usar a medicação, por influência da Igreja Universal - é o que consta do seu prontuário (fl. 47v do processo).

O autor deparou-se com testemunhos de que a fé havia curado doenças, para as quais a medicina ainda não havia encontrado a cura, tendo a própria ré produzido a prova que

confirma a tese do autor, pois as testemunhas de fls. 334v/339 se apresentaram *como curadas, da AIDS, pela fé*. (Grifos nossos).

O desembargador Carlos Eduardo Richinitti em seu relato afirma que: grupos, invocando e amparados na liberdade constitucional e na livre crença e de culto, tornaram a religião um grande e lucrativo negócio. Em nome de Deus, ameaçando com a ira satânica, retiraram justamente dos mais pobres (material ou intelectualmente, ou, como no caso dos autos, fragilizados pelo medo do fim) tudo do pouco que o destino lhes concedeu. (TJ/RS)

O referido desembargador Carlos Eduardo Richinitti em um artigo (As lições de Feliciano) sobre o pastor e Deputado Marcos Feliciano¹⁵:

Acreditar em alguma coisa e ter uma vida espiritual é facultado a cada um e o Estado não tem o direito de intervir ou de questionar as pessoas que de uma forma livre se organizam para adotar um caminho opcional religioso. Porém, quando essa liberdade é utilizada para ficar rico, explorando e aproveitando-se da exasperação das pessoas para quem a vida na terra concedeu só tristeza e miséria, retirando-lhes, com a promessa de uma vida futura melhor, no céu ou na terra, o pouco ou quase nada que têm - outra não pode ser a conclusão de que é justificável, sim, o agir do Estado para coibir o ilícito.

E essa atuação, deveria ser feita (diante da dimensão do problema) pelo legislador, salvaguardando o direito constitucional ao livre culto, mas não deixando de regular as áreas e as formas de atuação das religiões. Na maioria das vezes, questões de natureza controversa tornam o debate no contexto teórico bem difícil.

Contudo, situações como a tratada neste processo, além de uma análise simplificada do caminho que está Brasil está tomando, ajudam a perceber que há uma necessidade urgente de impor um limite. Religião não está em conformidade com negócios em busca do lucro e muito menos, até pela escolha pela laicidade do Estado brasileiro, com política.

E ainda continua:

O autor, pelo fato de ser portador de uma doença grave como a AIDS, e estando fragilizado emocionalmente, e por orientação e promessa de cura divina termina abandonando a medicina tradicional e alopática e depois, ainda como prova de fé termina por fazer entrega de bens materiais. A coerção moral é incontestável e quase causou o óbito do autor.

O autor da demanda recebeu uma indenização de trezentos mil reais (R\$300.000,00) a título de ressarcimento dos danos morais. O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul avaliou

¹⁵ http://www.direitohomoafetivo.com.br/anexos/artigo/92_9ad5b897ba6a1d4c994bae9c70390ec6.pdf . Artigo de 29.04.2013.

como fundamental a influência da Igreja no abandono do tratamento médico. Restando a comprovação de que o autor do processo sofreu danos morais na medida que o autor foi levado a abandonar o tratamento médico em decorrência da influência exercida pelo pastor perante o fiel, ora autor prejudicado.

O terceiro caso, também aconteceu no Rio Grande do Sul. Uma empregada era obrigada por seu empregador a frequentar os cultos da IURD. De acordo com os autos, a empregadora passava na frente da Igreja e dizia “ou tu entra ou tu entra”, dando a entender que se não frequentasse a Igreja seria demitido.

“A reclamante via-se obrigada a acompanhar a reclamada em sua igreja, ‘pois temia perder o emprego’. Sem sombra de dúvida, o caso em apreço traduz dano moral a ser reparado pelo empregador”, disse o relator no acordo, lavrado na sessão de 29 de maio de 2013.

A funcionária foi indenizada em cinco mil reais (R\$5.000,00), pois se tratava de um dano moral que feria a liberdade religiosa. Acórdão nº 0000795-95.2013.5.04.0104 RO.(TRT DA 4ª Região. 5ª Turma em 19/09/2013)¹⁶

INDENIZAÇÃO POR DANOS MORAIS. Demonstrado nos autos que a trabalhadora sofreu dano moral decorrente de constrangimento exercido por superiores hierárquicos, consubstanciados no tratamento de forma inadequada, bem como em insistentes convites para participação de cultos religiosos para os quais não tinha interesse, fere a liberdade de crença garantida constitucionalmente, ensejando o pagamento de indenização por danos morais.(2013, p. 59- 62)

O caso da funcionária evidencia a pressão moral exercida para adesão a IURD, o que por si traduz o dano moral pelo fato da liberdade religiosa e sua subsequente escolha foi violada. Ficou condicionado a manutenção do emprego caso a funcionária ingressasse na IURD caso contrário o seu emprego ficaria ameaçado. Diante desta situação não restou dúvida que ocorreu dano moral e a condenação judicial obtida é suficiente para confirmar o êxito no processo judicial.

Com efeito, ao considerar os casos elencados anteriormente sugere a observação da relação existente entre o Direito e as relações sociais de dominação através da interface entre o discurso jurídico e religioso. Nesse sentido:

Fonseca (2002), ao fazer uma alusão ao tema do Direito a partir das obras de Foucault, aponta que no pensamento do filósofo francês, a norma não se refere às categorias formais do

¹⁶ Fonte: <http://s.conjur.com.br/dl/trt-rs-confirma-dano-moral-empregada.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

Direito. Na verdade, elas se referem ao funcionamento dos organismos e aos domínios do saber e das práticas que lhes correspondem. Desta maneira a norma estaria inerente e intrinsecamente inserida, por exemplo, na medicina ou na psiquiatria, ou seja, nos campos compreendidos pelas ciências que têm a vida como objetivo.

Outro tema tratado pelo autor e comum aos domínios Discursivos Jurídico e Religioso, sobretudo ao Jurídico, refere-se à noção de lei. Este conceito é contrário a concepção de norma, uma vez que se refere ao Direito como enunciado da lei, como legalidade, como conjunto das estruturas que compõem a legalidade (Fonseca, 2002, p. 54). Assim, o Direito enquanto lei ou conjunto das estruturas da legalidade define-se, conceitualmente, em oposição à norma, uma vez que esta se refere a um sistema de leis independente da normatização.

Bakhtin (2010, p. 92) também toma em seus estudos o tema da norma e afirma que todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga: somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que fazem parte de uma dada coletividade regida por essas normas. Deste modo, têm-se os sistemas de normas morais, jurídicas, estéticas, etc. Estas podem variar e se diferem pelo grau de coerção que exercem, pela extensão de sua escala social, pelo grau de significação social, entre outros aspectos.

A norma seria assim, de acordo com Bakhtin (2010), uma forma especial de livre arbítrio de um em relação aos outros e, enquanto tal torna-se essencialmente peculiar apenas ao direito (Lei) e à religião (Mandamentos). Sua real obrigatoriedade como norma deve ser validada a partir do ponto de vista da autoridade da sua fonte ou da autenticidade e exatidão da transmissão; —todo o sistema está aberto: se você quiser! (Bakhtin, 2010 p. 74).

2.4 O discurso jurídico nos estudos de Foucault

A rigor, apesar de presente em vários de seus escritos, o tema do Direito ganha ênfase, em particular, em dois escritos de Foucault: *Vigiar e Punir* (1987) e *A Verdade das Formas Jurídicas* (2005). No primeiro, o foco recai sobre os meios de vigilância e punição do indivíduo, tomado como sujeito social. Temas como o panoptismo e as formas de segregação do criminoso abrem espaço para diversas discussões, também presentes em outros estudos como os envoltos à sexualidade ou à loucura. Já na segunda obra citada, Foucault faz referência tanto à noção de Direito como a várias formas ou tipos de regulamentos judiciários, bem como à formação e os respectivos sujeitos inseridos nesta Ordem Discursiva em particular que é o Direito, a partir da narratividade que dá corpo à tragédia grega de Édipo-Rei.

Recuperando o Direito Feudal, este também de cunho do Direito Germânico, ainda sob o olhar de Foucault (2005), o litígio entre dois indivíduos se regulamentava pelo sistema de provas (*épreuve*). Quando um indivíduo se apresentava como portador de uma reivindicação, de uma contestação, como acusador de outro que teria matado ou roubado, o litígio era resolvido por uma série de provas aceitas por ambos às quais os dois eram submetidos. Esse processo não se configurava uma maneira de se chegar ou não à verdade, mas de se definir a força, o peso e a importância de quem dizia. Inicialmente havia as provas sociais que eram voltadas para a importância social de um indivíduo; este se valia de algumas testemunhas, na maioria parentes, que tinham como papel garantir não sua inocência, mas sua importância social. Ademais havia também as provas de tipo verbal, ou seja, responder à acusação com certo número de fórmulas (provas-fórmulas) que deviam ser pronunciadas sem erros; caso contrário (erros gramaticais ou trocas indevidas de palavras) o erro invalidaria a fórmula e comprometeria a prova. De acordo com Foucault (2005), trata-se apenas de um jogo verbal; raciocínio este que se comprova com o fato de que, no caso de um menor, ou de uma mulher ou de um padre, o acusado poderia ser substituído por outra pessoa que deveria pronunciar as fórmulas no lugar do acusado.

Na possibilidade do erro, aquele ao qual representava perdia o processo. Assim como alude o filósofo francês, este outro que, pela —fragilidade do acusado, podia representá-lo e pronunciar as fórmulas em seu lugar se cristaliza no decorrer da história do direito, abrindo espaço para a figura do advogado que conhecemos hoje. Nota-se também, a partir desse tipo particular de prova, desse jogo verbal, o constante peso que a retórica representa tanto no Discurso Jurídico, como em toda prática jurídica. Além do conhecimento das leis e ordenamentos jurídicos, cabe ao advogado e ao magistrado o domínio da boa retórica, do bem falar; talvez o que Foucault (2005) aponta em outros livros como o Poder-Saber e o Saber-Poder.

2.5 O discurso religioso como exegese social

Os atos religiosos possuem uma estrutura específica; são vividos em um contexto cultural, linguístico, institucional e social bem específicos, assim como os fenômenos religiosos (Croatto, 2004, p. 25). Assumindo-os como tais, nada nos impede de classificá-los a partir da noção de enunciado, discurso e, logo, de prática discursiva²². Análogo ao fenômeno jurídico e, logo, à prática jurídica, o fenômeno religioso, como parte da prática religiosa, se dá em face de processos de Produção Discursiva. Todavia, possui elementos distintos, como as

danças, tão presentes nos cultos e ritos de algumas religiões, tais como a umbanda e o candomblé. A Prática Discursiva religiosa pressupõe produção, distribuição e consumo de textos específicos, dotados de aspectos sociocognitivos singulares às suas respectivas práticas, da mesma maneira que a prática jurídica. A dança é produzida, ou executada, a partir de um contexto específico, de um rito específico. Da mesma forma, o padre que conduz a missa ou o pastor que se responsabiliza pelo culto, são sujeitos específicos; correspondem às modalidades enunciativas, funções desses sujeitos e, como tais, pelos seus *status*. Possuem o direito regulamentado de fala nos respectivos e específicos lugares institucionais, e a eles se confere uma posição enunciativa diferente das posições dos demais fiéis.

Certamente, as poucas linhas que aqui esboçamos não conseguem por completo abranger a complexidade de ambos os domínios de saberes que envolvem a Religião e o Direito. Todavia, tentamos reunir recortes filosóficos e históricos pertinentes, que viessem a contribuir para a visão do Direito e da Religião como Discurso e, logo, como Práticas Sociais (Jurídica e Religiosa).

O foco recai, sobretudo, em nosso *corpus*: autos processuais que possuem, à primeira vista, uma situação conflituosa entre os discursos jurídico e religioso. Os próximos atos religiosos possuem uma estrutura específica; são vividos em um contexto cultural, linguístico, institucional e sociais específicos, assim como os fenômenos religiosos, (Croatto, 2004, p. 25). Assumindo-os como tais, nada nos impede de classificá-los a partir da noção de enunciado, discurso e, logo, de prática discursiva. Análogo ao fenômeno jurídico e, logo, à prática jurídica, o fenômeno religioso, como parte da prática religiosa, se dá em face de processos de Produção Discursiva. Todavia, possui elementos distintos, como as danças, tão presentes nos cultos e ritos de algumas religiões, tais como a umbanda e o candomblé. A Prática Discursiva religiosa pressupõe produção, distribuição e consumo de textos específicos, dotados de aspectos sociocognitivos singulares às suas respectivas práticas, da mesma maneira que a prática jurídica. A dança é produzida, ou executada, a partir de um contexto específico, de um rito específico.

Da mesma maneira, o padre que conduz a missa ou o pastor que se conduz o culto, são sujeitos específicos; correspondem às modalidades enunciativas, funções desses sujeitos e, como tais, pelos seus *status*. Possuem o direito regulamentado de fala nos respectivos e específicos lugares institucionais, a eles se confere uma posição enunciativa diferente das posições dos demais fiéis.

Segundo o professor Drance Elias¹⁷, o simbolismo humano está assentado em três premissas específicas: a primeira é de que o ser humano dirige suas ações para as coisas de acordo com o significado que estas coisas têm para ele; a segunda premissa diz respeito ao significado destas coisas advém da interação que o homem tem com os outros homens e a terceira premissa versa sobre a interpretação que o homem dá às coisas com as quais ele se relaciona.

E sob esta ótica a moeda adquire uma nova concepção, ou seja, o dinheiro é um dom, uma dádiva para o homem e esta mudança de concepção, de entendimento tem a capacidade e o poder de influenciar o comportamento do homem. Há um vínculo e na dádiva, o bem circula serviço do vínculo. E na visão de Mauss, a dádiva é uma “das rochas sólidas sobre as quais estão erigidas nossas sociedades”.

Para o professor Drance Elias, o que mais chama a atenção nos rituais neopentecostais é a forma como o dinheiro é apresentado e nominado: “ferramenta de Deus” e o seu depósito no altar como um “sacrifício” que deve ser feito em nome de Deus para um sucesso na vida financeira, emocional e espiritual.

Certamente, o que aqui esboçamos não conseguimos por completo abranger a complexidade de ambos os domínios de saberes que envolvem a Religião e o Direito. Todavia, tentamos reunir recortes filosóficos e históricos pertinentes, que viessem a contribuir para a visão do Direito e da Religião como Discurso e, logo, como Práticas Sociais (Jurídica e Religiosa). Nosso foco recai, sobretudo, em nosso *corpus*: autos processuais que possuem, à primeira vista, uma situação conflituosa entre os discursos jurídico e religioso.

2.6 A construção do diálogo entre ter ou ser: os prejuízos de uma religiosidade do “ter”

Parece tendenciosa a pergunta, em especial num momento de crise política, econômica – e como muitos acrescentam ética. Momento em que o elemento “Ter”, no reflexo de sua ausência da vida econômica – principalmente – ganha dimensões ainda maiores. “Venha e obtenha a cura” “Você terá a vitória”, ou nos depoimentos de quem obteve bens pagou a dívidas ou conseguiu o emprego, quando já não havia esperança. Ter ou Ser um homem de fé, o próprio Fromm (1982) chega a relacionar estas duas concepções trazendo a visão do velho e do novo testamento, e as concepções da filosofia oriental. Na sociedade do consumo, no qual está no mundo é o exercício do que podemos obter. Grande parte dos dramas apresentados

¹⁷ Artigo publicado na HORIZONTE: Belo Horizonte. Vol. 07 n. 13 p. 18-38, dezembro 2009 sob o título “A CENTRALIDADE DO DINHEIRO DA ESPIRITUALIDADE NEOPENTECOSTAL de 24 de março de 2009 <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1560943e74ce41f7?projector=1>

pela IURD não é apenas a cura, o milagre em seu uso mais presente nas sagradas escrituras. Ter ou Ser, enquanto dilema que apresenta ao homem velhos dilemas filosóficos e religiosos tem sua forma de discursiva em Fromm (idem) que nos serve, igualmente, para pensar como a IURD traz nos seus discursos elementos que reproduzem estas perspectivas. Trata-se, igualmente, de um elemento de integralidade, e reforçando o quanto é complexa nossa sociedade – em todos os seus níveis de organização social – trabalhar sobre o termo da prosperidade, apenas como aquisição, enfraquece, sentidos mais amplos que muito possam está a procura.

Ainda, sobre os danos, percebe-se que a construção de uma via entre o ser e ter – e aqui tomo como um modo de interpretar os danos causados pelos discursos - que em uma ordem de valores desconsidera a construção do ser, que traz consequências na concepção de homem, na formulação de identidade. O fracasso, os medos do desemprego e/ou de ficar na rua porque o carro está velho e não funciona, não podem serem vistos como sintoma de ordem individual, mas, principalmente, como consequência da modernidade no qual a “grande promessa” (Fromm, 1982, p.24) não se fez cumprir a todos, neste sentido, a grande a promessa se apresentou suas falhas. Liberdade, igualdade e fraternidade. O sonho de uma sociedade que diminuísse a distância entre ricos e pobres. As características que Fromm (idem) mostra o oposto: o sonho de independência se desfaz quando nos damos conta que estamos inseridos num sistema como peças de uma grande engrenagem – alusão tão direta ao que se apresenta no filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, os progressos tecnológicos não nos fez melhores, apesar de nos ajudar imensamente no mundo moderno, no entanto, seus riscos ao meio ambiente e ao próprio futuro da humanidade parecem ser maiores que seus benefícios.

Fromm (1982, p. 25) retoma uma das ideias clássicas da filosofia: o objetivo da vida é a felicidade, no entanto, tomado aqui pelo sistema capitalista como a busca por desejos e necessidades quase sempre criadas pelo próprio sistema. Esta nova percepção de um *hedonismo radical* [grifo do autor] (idem) não cumpre a grande promessa para o autor “somos uma sociedade de pessoas notoriamente infelizes: solitários, ansiosos, deprimidas [...] - pessoas que ficam alegres quando matamos o tempo que tão duramente tentamos poupar” (idem, 27). O discurso da vitória e de se pode conseguir tudo, desde que siga as ‘receitas’, tão presente na Universal, reflete parte da grande promessa. Combater o mau é comparável ao postulado da competição de todos contra todos.

Se pensarmos na pergunta: o que é bom para o homem? Fromm indica que sua resposta não passa pelo que o próprio poderia conceber como ideal para si. Segundo autor os sistemas buscam responder estas questões em forma de novas necessidades. Relacionar esta

problemática a partir da IURD implica analisarmos que o sentido da ajuda e as perdas relacionam-se ao aspecto jurídico, conforme indicado neste trabalho, mas traz consequências – igualmente – ao aspecto destes terem plena consciência de como superar suas necessidades. Para Fromm (idem) a ideia da construção do ‘ser’, no qual as características do consumo e do próprio fetiche da mercadoria devem ser elementos preponderantes.

No âmbito religioso – considerando que a IURD não tem uma teologia oficial – as características da religiosidade entre os elementos essenciais do ‘ter’ ou ‘ser’, conforme apresentado por Fromm (1982) ficam comprometidos. Vemos a predominância de um discurso no qual a superação passa pela obtenção de ‘coisas’ terrenas. A Nação dos 318 com depoimentos sobre a conquista do emprego ou ainda alguém que ao iniciar nos cultos não tinha dinheiro nem para passagem, mas que agora exige o carro como conquistas alcançadas graças a IURD¹⁸. Ao contrário de outras religiões há de forma explícita e/ou na condição primeira a identidade do que é ‘ser’ evangélico, algo característico nas demais crenças.

Pensando sobre as questões Fromm :

Enquanto as pessoas do modo ter confiam no que têm, as pessoas do modo ser confiam no fato de que são, que estão vivos e que alguma coisa nova nascerá, bastando para isso que tenham coragem para deixar-se ir e reagir (FROMM, 1982, p.51).

Características que Fromm critica numa sociedade do consumo, no qual a grande promessa de liberdade e igualdade para todos foi substituída pela relação da posse. Não se questiona a pobreza como elemento das desigualdades, ou da solidariedade entre os homens, mas a pobreza, as dificuldades materiais como fracasso, a presença de um mau a ser combatido. O medo do fracasso numa sociedade que se fragmenta em projetos individuais. Segundo Beck (1997) vivencia-se um novo movimento no campo mais amplo das sociabilidades, o que veio como definição de subpolítica em sua obra pode tomá-la como a expressão mais ampla ao nos referir ao projeto de sociedade que se redefine com o avanço da globalização e que muda a percepção dos indivíduos para um projeto mais individualizante. Segundo Beck (idem) é a desincorporação e incorporação dos valores e dos estilos de vida da sociedade industrial por outros modos de vida – na tentativa de representar suas próprias biografias, ou seja, todos podem desde que façam por si, que busquem por si. O discurso iurdiano parece refletir bem essas perspectivas. A desintegração da certeza, conforme Beck, passa por uma resignificação, no qual ao discurso iurdiano amenizar estas incertezas. Promessas cumpridas, após passar pela igreja, pode representar esta certeza.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=-QxhlaqJvLI>. Acessado em 15 de agosto de 2016.

Neste sentido podemos analisar a Igreja Universal do Reino de Deus como um bom modelo deste modelo reflexivo, primeiro por dá ao indivíduo criar sua autobiografia do sucesso ou buscá-la, na medida em que se seguem os ritos da instituição, do outro lado, a quem será responsabilizado em casos de perda, ou quando as promessas não são cumpridas. Os próprios exemplos que usamos ao longo deste trabalho reflete algo pouco discutido, no entanto, se considerarmos que neste grande projeto de individualização, como consequência da diminuição do Estado e de uma serie de desrugalemtações, o espaço para questões coletivas perdem importância e como consequência temos o que bem ilustra Beck:

“Todas essas exigências não ordenam nada, mas requerem que o indivíduo consinta em se constituir como um indivíduo, para planejar, compreender, projetar e agir – ou sofrer as consequências que lhes serão auto-infligidas em caso de fracasso (BECK (1997, p. 27).

Este processo de sub-política (Beck, idem) como construção social tem nos processos de educação e nos serviços gerados no âmbito da cultura a única lógica de fomentar necessidades para o mercado, com promessas de melhores oportunidades. Se relacionarmos que a IURD, que desde a sua fundação em bairros populares do Rio de Janeiro, traz essa proposta numa linguagem convertida, porque é no contexto, também, de precariedade de vida social que está sua maior força. Emprego, saúde, seguridade social praticamente todos os desejos passam por essas questões. Claro que não podemos desconsiderar a expressão de fé da população brasileira, que sempre caracterizada pelo sincretismo, almeja por graças individuais.

Por fim, cabe voltarmos aos danos que possam está presentes no discurso e na prática da IURD. Primeiramente, voltando a discussão sobre as questões tidas como essenciais na proposta de Erich Fromm (1982), no qual a crítica ao capitalismo, as mudanças de ordem social e individual, passam pela reformulação de um novo humanismo, diferente do que fora proposto durante a história do capitalismo. Neste sentido a IURD pode ser vista como uma “religião industrial” (Fromm, 1982, p. 146) no qual:

A religião industrial é completamente incompatível com o cristianismo autêntico. Ela reduz as pessoas a servos da economia e da maquinaria que suas próprias mãos construíram (FROMM, 1982, p. 146).

Portanto, não é foco fazer uma crítica ao tipo de cristianismo que possa está presente na IURD, mas relatar que uma das perdas pode ser o próprio sentido histórico das concepções

religiosas no Brasil, que expandir a relação mercantil do ter como central das práticas religiosas pode vir a comprometer os sentidos do *ser* [grifo meu], portanto, cabe pensar: quais os sentidos de um novo humanismo que valorize a vida e resgate a dignidade humana, por vezes perdida em processos de exploração advindos do próprio mercado? Diferente de uma prática de valorize o consumo Fromm (idem) propõe um novo humanismo que apresenta como característica o fim de uma política consumista – cabe aqui o fim de todas as práticas enganosas de consumo -, liberdade das mulheres do domínio patriarcal, universalização da informação (cultura e seus mecanismos), criar condições para que todos possam ter bem-estar, alegria, iniciativas individuais para a construção do ser. Embora projeto utópico há de se considerar a construção de alternativas em especial àqueles não contemplados nas promessas do capitalismo.

CAPÍTULO 3

O FIEL IURDIANO E ENGANANÇA PASTORAL

Neste capítulo retomo a discussão sobre a IURD apresentando uma de suas principais formas de atuação: o marketing e seus usos na promoção de uma Teologia da Prosperidade. Estratégias midiáticas, que sempre foram uma marca do movimento protestante no Brasil, mas que na Universal adota características próprias, considerando que a instituição conta com meios de comunicação próprios como a TV Record e outros meios midiáticos. No entanto, esses recursos por si não são suficientes para atrair fieis. A Teologia da Prosperidade conta, **igualmente**, com uma pedagogia da prosperidade, permeada de práticas e discursos que visam uma educação que concilie ações e resultados, numa visão entre as questões materiais e espirituais.

A IURD, também, se lança ao desafio - assim como na lógica do mercado - a ganhar espaço, dentro de um modelo de concorrência, portanto, seu marketing – em seus fundamentos conceituais – não se distancia na lógica do convencimento e da melhor escolha. Buscando sair da visão pentecostal tradicional, sua imagem distingue-se por essa construção de um progresso financeiro. A “Corrente dos Empresários” é reflexo e desejo de demandas, no afã do sucesso, algo bem diferente das correntes pentecostais tradicionais.

3.1 . A proposta da IURD

Como foi analisado nos outros capítulos, a Teologia da Prosperidade que é a adotada pela Igreja Universal do Reio de Deus, só não é feliz economicamente quem não tem uma fé sólida, quem não obedece ao que foi dito na Bíblia sobre as promessas divinas e quem ainda está envolvido com o Diabo. De acordo com essa Teologia, Jesus veio para os pobres, mas para que esses pobres deixem de sê-los. Vejamos:

[...] a expiação do Cordeiro libertou os homens da escravidão do Diabo e das maldições da miséria, da enfermidade, nesta vida, e da segunda morte, no além. Os homens, desde então, estão destinados à prosperidade, à saúde, à vitória, à felicidade. Para alcançar tais bênçãos, garantir a salvação e afastar os demônios de sua vida, basta o cristão ter fé incondicional em Deus, exigir seus direitos em voz alta e em nome de Jesus (a chamada determinação, crença que por meio da alta voz, trazem à existência o que declaram) e ser obediente a Ele, acima de tudo no pagamento dos dízimos. (MARIANO, 1996, p.33).

Para Mariano (2004), a “grande eficácia arrecadadora da IURD se deve, em grande parte, à sua agressividade, insistência e incomparável habilidade persuasiva nessa matéria”. Pois além do dízimo que é coletado regularmente, existe ainda o desafio financeiro, ou sacrifícios impostos pelos pastores.

O proselitismo de suas mídias é o grande veículo para atrair o grande número de pessoas e fiéis para a Igreja. Como vemos em algumas imagens:

CONVITE ESPECIAL

Uma gota... essa medida somente de alguns antibióticos e medicamentos é suficiente para obter o resultado desejado de cura para muitas patologias.

IMAGINE SE UMA GOTA DE ÓLEO UNGIDO FOR UTILIZADA PARA REALIZAR MILAGRES?

Nesta Terça-Feira
ÀS 7h, 10h, 12h, 15h, É ESPECIALMENTE ÀS 19h.

venha receber a
Gota do Milagre
no
Pão

TRAGA SEU PÃO

AV. A.C.M. 4197 IGUATEMI
OU NESSE ENDEREÇO:

Final de Linha-Lauro de Freitas-BA
Ao Lado do Estádio Municipal
As 7:30hs 10hs e as 18hs
Aos Domingos

Universal
Igreja de Cristo de 22 dias

04

Imagem 1
Fonte: Google imagens.
Convite para um Culto.

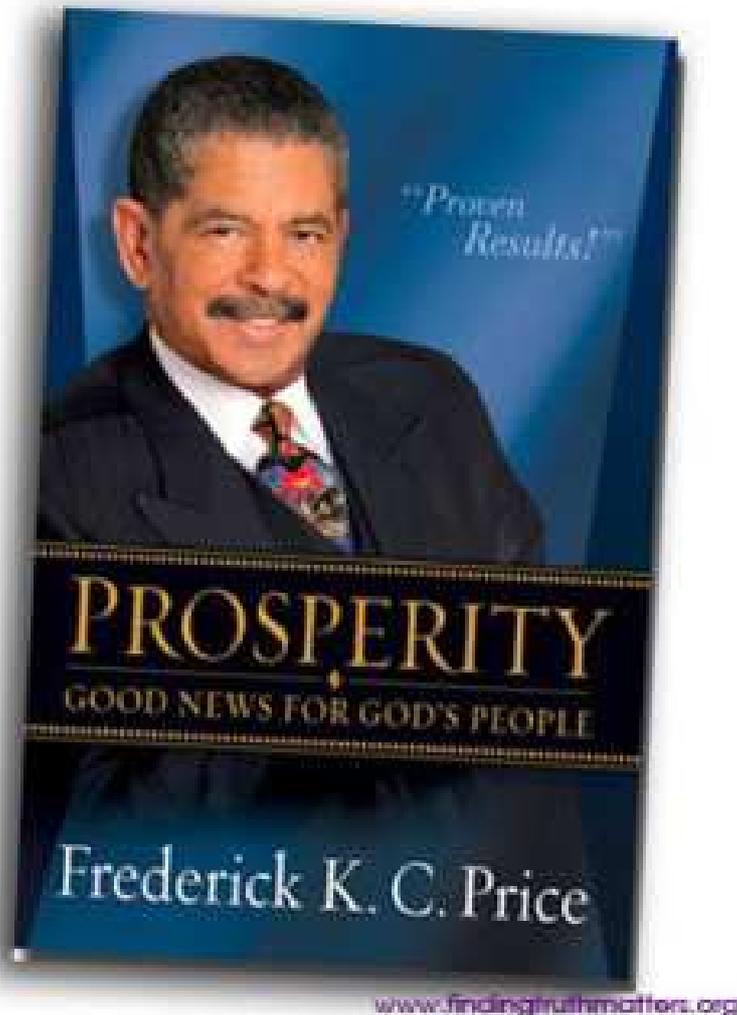


Imagem 2

Fonte: Google imagens – Livro: PROSPERIDADE: BOAS NOTÍCIAS PARA PESSOAS DE DEUS de Frederick K. C. Price.

Nestas imagens vemos como o Culto é preparado, como as pessoas são “chamadas”, “convencidas” em ir para o culto. Apelos aos milagres através de óleos, de objetos benzidos pelo pastor e na compra de livros que buscam convencer mais e mais pessoas à doação do dízimo.

Os líderes da IURD estão pouco interessados em salvar almas, na salvação das almas dos rebanhos para Cristo. Poucos destes cristãos da Universal conhecerão o Cristo verdadeiro, o Cristo que prega a pobreza, a paz de espírito e a salvação.

Após alguns estudos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) vislumbramos que a experiência religiosa pregada por essa igreja está voltada, fundamentalmente, à “educação” do seu seguidor, uma pedagogia da prosperidade.

O antropólogo holandês, Gerrie Ter Haar, diz sobre a Teologia da Prosperidade que: “as pessoas investem em suas relações com entidades espirituais com vistas a melhorar sua

qualidade de vida [...] O elemento de reciprocidade em relações sociais é estendido ao âmbito do invisível”. Assim, a Teologia da Prosperidade é “inteiramente lógica a partir da perspectiva de uma cosmovisão que [...] não separa o material do espiritual”.

Com exemplo de um sermão da Igreja Universal do Reino de Deus ouvimos: “Não adianta só dar uma oferta. Você precisa largar seu emprego e começar um negócio, mesmo que seja só vender pipoca na rua. Como empregado, você nunca vai ficar rico”. As mídias dessa igreja contêm sugestões práticas sobre como abrir pequenos negócios em várias áreas econômicas, e os recursos iniciais necessários para cada um deles.

Segundo Joel Robbins, antropólogo americano, a Teologia da Prosperidade é prestigiada no hemisfério sul porque proporciona segurança nas conjunturas econômicas desordenadas em que alguns ficam ricos e outros não, mas é complicado entender o como e o motivo disso.

A Teologia da Prosperidade tem funcionado como um meio para fazer do evangelicalismo uma religião de massas. Cada religião tem uma forma que conquista só uns poucos honrados por ser muito duro, e outra forma que atrai as massas por ser menos rígido e mais fácil de compreender. Se quisermos obter o sucesso numérico e igrejas com grandes números de fiéis, pode ser que a Teologia da Prosperidade seja o preço a pagar.

3.2. Análise do discurso da IURD e suas consequências

De acordo com Van Dijk (2003), as figuras de linguagem desempenham várias funções além de lexicais. Ocupam funções ideológicas dentro do discurso, e nesse caso, a principal função analisada será a persuasão como fim discursivo. Isso significa que a linguagem através de metáforas no discurso da Universal pode estar a serviço de uma finalidade discursiva específica: persuadir o público da veracidade dos seus milagres.

A metáfora é um recurso discursivo bastante usado para os fins de convencimento religioso. É necessário compreender o papel que a metáfora desempenha discursivamente na retórica religiosa iurdiana.

A Universal desenvolve no seu discurso uma vasta série de recursos retóricos de persuasão, vários tipos de argumentos figuram de linguagem e enganos, como hipérboles e principalmente metáforas diversas.

A Universal desenvolve uma narrativa tendo como base os textos bíblicos, dos quais faz uma interpretação que favorece analisar a conquista dos favores de Deus: são as histórias

do Antigo Testamento, como a de Abraão, Gedeão, Josué e outros, como sendo atualizadas, hoje, pelos fiéis frequentadores.

Todos esses elementos articulam-se com as histórias particulares. Cada membro tem uma história de uma dificuldade muito grande e trava uma nova com o auxílio da Universal, - tem um inimigo a vencer e um prêmio a alcançar. Então, a ideologia religiosa iurdiana torna-se uma ideologia prática que envolve *ações e resultados*. É de fácil compreensão pelos participantes, principalmente em função dos ganhos e benefícios que podem ser alcançados dentro de uma lógica de dar e receber.

O que se busca com esta pesquisa é saber o propósito e a eficácia persuasiva destes discursos religiosos dentro de todas as transformações sociais. Todos sabem das constantes transformações sociais ocorridas durante o século XX, conhecidos como globalização, tem ocasionado um impacto muito forte sobre as pessoas, suas culturas e sobre as instituições sociais, religiosas e políticas.

A Igreja Universal do Reino de Deus no campo religioso é também um grande empreendimento econômico, devido ao grande volume de dinheiro que circula na instituição. Na IURD há a transformação de fiéis em clientes e consumidores dos produtos oferecidos (que são definidos como dizimistas) por pastores que se autointitulam – congressistas e palestrantes e a denominação dos cultos como reuniões, congressos, campanhas, palestras, etc.

Nos estudos do discurso encontramos a retórica como elemento fundamental para compreender os aspectos persuasivos da linguagem. A origem do termo retórica remonta à Antiguidade grega (*rhetoriké*), seu interesse pela arte do discurso público *persuasivo* (grifos nossos), entendido essencialmente como discurso político, daí o interesse para os gregos do domínio dessa arte do uso adequado do discurso para conseguir a adesão do público receptor¹⁹.

Considerando que no Brasil na década de 70 foram delineados pelo surgimento de uma nova vertente religiosa chamada mais regularmente de “neopentecostalismo” (Mariano, 1995), e o maior expoente neopentecostal é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que foi fundada no Rio de Janeiro, em 1977. A IURD pode ser considerada como precursora do movimento que rompeu com o pentecostalismo tradicional e que ainda hoje mantém um

¹⁹Sobre a retórica na Antiguidade ver: Aristóteles (1999); Jaeguer (1995); Pujante 2003.

padrão de comportamento bem diferente da nova proposta da IURD. Com esta ruptura, a Igreja Universal passou a ser um referencial na difusão da “Teologia da Prosperidade”:

Tal doutrina ensina que todo crente deve viver endinheirado, morar em mansão, desfilar em carrões, ficar livre de qualquer tipo de enfermidade durante todo o tempo de sua vida e possuir a natureza divina. (ROMEIRO,1996:35)

A doutrina da Teologia da Prosperidade hoje é encontrada em diversas igrejas e vários movimentos eclesiais, legitimando e viabilizando a adesão de pessoas de classe média ao estilo de vida “evangélico”, não mais arredio a negativa aos prazeres e riquezas do mundo material, mas sim ao estilo que permite usufruir e beneficiar sem culpas das coisas boas que a sociedade de consumo está a oferecer:

Essa doutrina encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros de fiéis mais pobres, como para a demanda dos que desejavam legitimar o seu modo de vida, sua fortuna e felicidade. Estes, agora, podiam se escudar nas novas concepções bíblicas da TP em vez de ter de recorrer, para seu tormento, à teologia (cf. Mateus 19:24; Marcos 10:25 e Lucas 18:25) que falava a respeito da impossibilidade do rico entrar no reino dos céus tal como o do camelo atravessar o buraco de uma agulha”(MARIANO, 1995: 147).

É neste aspecto – na Prosperidade e seu amplo sentido – que é ancorada toda a estratégia do *marketing* religioso, cabendo ao pastor conduzir a escolha pelo caminho de contribuições financeiras dos dizimistas iurdianos com o propósito de salvação e cura.

Nesta seara, a base discursiva da IURD gravita em torno da promessa de que é dando que se recebe gerando muitas controvérsias judiciais apresentadas pelos adeptos iurdianos em decorrência dos danos morais e patrimoniais causados pelo descompasso entre a salvação e o dispêndio financeiro do fiel através das contribuições pecuniárias movidas pela busca de uma adesão ao reino de Deus.

3.3 Marketing religioso – as estratégias em nome de deus.

Só os capacitados sobrevivem neste mundo capitalista. O uso de algumas estratégias e de boas argumentações tem impactado na mídia com o intuito de aumentar o número de “consumidores da fé”. A doutrina, os ensinamentos, as orientações, são pontos apresentados apenas

como modos concretos para se “adquirir” os produtos oferecidos. Produtos estes, que como a “prosperidade”, só tornam-se acessível na vida do fiel, quando literalmente ele “paga”:

A Igreja Renascer fundada pelo autodenominado “apóstolo” e empresário Estevam Hernandes, apesar de um recente escândalo envolvendo a mídia eletrônica e impressa, possui um crescente numero de empresas de comunicação, entre elas a Rede Gospel. Concomitante aos seus investimentos em comunicação, a Renascer, como nos esclarece a matéria do Jornal Econômico (22.09.00), aposta num promissor mercado:

[...] estão investindo pesado na conquista de homens de terno e gravata. Com esse intuito, são criadas associações, feiras, bolsas de negócios e parcerias com entidades de apoio ao comércio e à indústria, departamentos exclusivos e reuniões privadas. Nunca se viu ataque tão maciço à classe executiva.(Jornal Econômico, 22.09.00)

Neste contexto, encontramos o papel desempenhado pelo executivo Estevam Hernandes que foi gerente de Marketing da Itaotec e Xerox do Brasil, usa o todos os seus conhecimentos na área empresarial, e é quem “ministra” as reuniões que ocorrem sempre às segundas-feiras na AREPE (Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos), sempre com o propósito de angariar mais clientes-fiéis e, por decorrência obter cada vez mais recursos financeiros.

A pessoa física dá lugar à pessoa jurídica. (...) Durante todo o culto, a chamada "linguagem profissional" de Estevam vem marcada pelos signos do capital: finanças, negócios, fluxo de dinheiro, concorrência e mais de uma dúzia de palavras afins são utilizadas sem economia. Para alcançar as graças divinas, contudo, não basta participar. Tem de colaborar. Os fiéis pagam uma taxa mensal fixa de R\$ 15 e ofertas de valores variáveis, que ficam por conta da "fé de cada um". (A Nova elite da fé - Jornal Valor Econômico, 22 a 24.09.2000)

Outra instituição que busca atrair os mais abastados é a ADHONEP, anteriormente mencionada neste trabalho, como produtora de dicas através de manuais que ensinam a investir no mercado e na oração. O mesmo Jornal Econômico faz alusão a esta instituição e diz:

[...] reúne empresários e profissionais liberais. A ideia é que o homem de negócios morda a isca do evangelho num jantar, café da manhã, ou então num coquetel regado à água e biscoitinhos sortidos. Os integrantes de um dos "capítulos" – nome dado a cada uma das 700 filiais espalhadas pelo

Brasil - são recebidos com iguarias, toda segunda-feira, em um luxuoso hotel na região da Avenida Paulista, onde a maioria deles trabalha. (...) Eles rezam, escrevem pedidos, mas o momento mais importante é o de prestar atenção ao depoimento de um dos executivos, no melhor estilo "vim, vi e venci".

O *marketing* desta instituição opera essencialmente assim. Entidade paraeclesial, tida como “independente das igrejas oficiais” (Bittencourt, *apud* Freston, 1993:115), de origem estrangeira e de caráter interdenominacional. A ADHONEP é mantida por membros conversos ou não de diferentes denominações evangélicas (CAMPÁ, 1998).

As estratégias da AREPE, da ADHONEP e muitas outras são utilizadas com a intenção de neutralizar a imagem estereotipada do crente pentecostal. Por muito tempo os fiéis pentecostais foram vistos como figuras facilmente identificáveis; as mulheres de saias compridas e longos cabelos presos, os homens vestidos com amarrotados paletós e Bíblias debaixo do braço. Estes eram, comumente, vistos montados em bicicletas ou parados em pontos de ônibus, geralmente associados a uma vida de pobreza. No entanto, é fato que ocorreram profundas mudanças teológicas com a difusão da Teologia da Prosperidade. As coisas que antes poderiam comprometer a salvação foram gradativamente absorvidas numa sociedade de consumo cada vez mais evidente, Mariano (1995) expõe:

Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões. Mas, com a ascensão social de parte de seus fiéis, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização promovida pelo pentecostalismo. Pois diante da mobilidade social dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos de lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, esta religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Frente às mudanças na sociedade e às novas demandas do mercado religioso, muitos de seus líderes optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte de seus fiéis e virtuais adeptos. (MARIANO, 1995: 146)

A sociedade está cada vez mais consumista, a ponto da IURD começar a utilizar a maquininha de cartão de crédito e débito para receber os dízimos e as doações dos fiéis. Nesta imagem abaixo vemos como se dá o uso destes equipamentos. Reportagem do Diário da Manhã, do Estado de Goiás de 19 de agosto de 2008.

Até mesmo a igreja ícone do neopentecostalismo, IURD, que começou investindo apenas nas classes mais baixas da população, também reestruturou as suas demandas e realiza semanalmente reuniões com a “Corrente dos Empresários”. Nas investidas empresariais da IURD, nenhum segmento de mercado deve ser ignorado:

A IURD possui uma refinada perspectiva de marketing e o demonstra quando procura conhecer e segmentar o seu público, padronizar os seus “produtos”, transformar as pessoas em participantes do processo de “produção”, oferecendo-lhe exatamente o que se pensa precisar e desejar naquele momento. Isto é, ela não se contenta em oferecer um “produto genérico”, que é o principal benefício esperado pelo consumidor. Ela vai além e oferece um “produto ampliado”, que é desdobrado em “produtos específicos”, tais como: cura, prosperidade, sentido para a vida, comunidade de apoio, cestas básicas, indicações de empregos, e outros mais. Mas o que faz dessa perspectiva um esforço de marketing é que a IURD não centraliza a sua ação só no produto ou no esforço de venda, mas também com mais ênfase, nos desejos de seus “consumidores”. Assim ela se orienta pelo mercado, despertando nas pessoas uma “religião de resultados”, enquanto oferece-lhes um kit contendo os ingredientes de um produto a ser retrabalhado na imaginação de cada receptor desse processo de comunicação (CAMPOS, 1998).

Aqui volta a perspectiva entre os elementos essenciais entre o “Ter” e “Ser”, conforme apresentado no capítulo anterior, reforçando um caráter que também está implícito dentro de um modelo de capitalismo: os riscos e as perdas. Nem sempre nos negócios os riscos são tratados como elementos inerentes a sua existência. Na imagem 3 vemos a caracterização do que simboliza esse elemento do consumo em uma ampliação de possibilidades. Ter cartão de crédito, tende a simbolizar na relação entre fiel e igreja essa imagem de progresso, de crescimento, da prosperidade numa relação de dádiva vindo a retribuir pelas graças alcançadas.

Universal lança cartão de crédito

Igreja encomenda 400 máquinas geradoras para recolher em até 12 parcelas dízimo de fiéis em seus maiores templos

Tom Alves
DA REDAÇÃO ESPECIAL

Os meios eletrônicos de pagamentos no Brasil cresceram 322% nos últimos cinco anos, segundo o Banco Central. Os cartões de crédito e débito, cuja participação representava 40,2% do total de pagamentos de varejo em 2006, passaram a ser de cerca de 56% em 2007. No final daquele ano, havia em média 0,6 cartão de crédito e um cartão de débito por brasileiro.

Sempre de olho nas possibilidades de arrecadação que cada momento oferece, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) resolveu também adotar à moda dos cartões, mas lançando um produto que, aparentemente, só tem vantagens para os cofres daquela instituição. Para isso, os analistas do escritório-viajante e hoje bispo Edir Macedo, comandante absoluto da Universal, encomendaram à operadora de cartões Visa um sofisticado software e 400 máquinas geradoras de cartões de crédito.

po de operação é livre de impostos e de controles das autoridades monetárias.

Segundo informou o Blog do jornalista Ricardo Noblat, as máquinas serão despachadas para templos que operam em mercados com maior potencial de arrecadação. O software criado pela Visa foi entregue no início do mês. Para ter a comodidade de poder receber suas ofertas com o uso de um cartão, parecido com aquele com que faz compras e paga serviços, o fiel também pagará uma taxa de manutenção anual. Também essa taxa poderá ser parcelada em até 12 vezes, mas com um pequeno acréscimo sobre o valor para pagamento à vista.

Fundada em 1977 pelo ex-presidente das loterias cariocas Edir Macedo, que se autoproclama "bispo", a Universal começou a se consolidar como um verdadeiro império econômico-financeiro a partir do momento em que uma cliente do subúrbio do Rio de Janeiro vendeu um terreno e lhe doou o dinheiro. Com esse dinheiro, Macedo começou 10 minutos por

"rosa milagrosa", "mil bênção do pelo Espírito Santo" e "pão abençoado para curar doenças" e a igreja cresceu dentro e fora do Brasil. Hoje, são mais de dois mil templos no Brasil que congregam quase oito milhões de membros, geralmente vindos das classes mais pobres da população.

AFINIDADES

Quando menciono no seu blog o lançamento do cartão de dízimo da Igreja Universal, o jornalista Ricardo Noblat se referiu aos cartões de afinidades lançados pela Igreja Católica e por várias outras agremiações religiosas no Brasil.

No final do ano passado, na abertura da famosa Feira da Presidência do Arquidiocese do Rio de Janeiro, o cardeal arcebispo dom Eusébio Scheid lançou o Cartão de Crédito Solidariedade Católica.

Segundo o religioso, trata-se de um cartão idêntico em tudo aos demais, com a diferença de não retirar do bolso do portador contribuições de solidariedade, e sim, de receber das instituições beneficiadas com o cartão.

bandeira de clubes de futebol, movimentos ecológicos ou até mesmo de instituições assistenciais como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apare), esses cartões possibilitam a ida do parte das taxas arrecadadas para determinada organização. E nenhum deles serve para pagar dízimos nem taxa de manutenção ou contribuição social às entidades a que se referem.

É o cartão da Igreja Universal não serve para compras nem como fonte de crédito, e funciona apenas como um cartão eletrônico de recolhimento do dízimo, principal obrigação imposta aos seus fiéis pelo bispo Edir Macedo.

SAIBA MAIS

Entidades religiosas que têm cartões de afinidades

- Convenção Batista Brasileira - Brasileiro Visa Nacional
- Assembleia de Deus - Brasileiro Visa Nacional e Internacional
- Fundação Renacer - Brasileiro Visa Nacional e Internacional
- Solidariedade Católica Nacional - Platinum e Gold
- Agência Adventista de Desenvolvimento - Brasileiro Visa Nacional e Internacional



Bispo Edir Macedo: cartão eletrônico de Macedo será usado para que as várias igrejas da sede recolham parceladamente o dízimo pago por seus fiéis.

Imagem 3

Fonte: <http://www.aindatorindo.com/2013/02/igreja-universal-lanca-seu-cartao-de.html>

É imprescindível que se compreenda o *marketing* a partir do consumidor. Por muito tempo, as empresas simplesmente geraram produtos pensados e concebidos sem levar em consideração nenhuma resposta do cliente. A única preocupação neste caso era a de oferecer ao mercado algo que pudesse ser comprado e que fosse capaz de gerar algum lucro para os produtores. Essa atitude acarretou num contínuo e pouco produtivo esforço de vendas. Afinal, quem definia o que seria oferecido ao mercado era o vendedor. Na perspectiva do *marketing*, quem define o que será oferecido ao mercado é o próprio mercado. Quem quer produzir e vender deve sondar o comprador antes. Analisar cuidadosamente as suas necessidades e desejos, e só depois disso, gerar um produto que seja adequado à demanda e aos anseios do cliente. Agindo assim, o esforço empreendido para as vendas, acarretará simplesmente em vendas – tão somente porque o “esforço” torna-se desnecessário.

A respeito de vendas e produtos sábias palavras de Peter Drucker:

Haverá sempre alguma necessidade de vender. Mas o objetivo do marketing é conhecer e compreender o consumidor tão bem que o produto ou serviço o atendem completamente e, em consequência, vendem-se sozinhos. Idealmente, o marketing deve resultar em um consumidor que está pronto para comprar. Tudo o que é preciso fazer é tornar disponível o produto ou serviço.

Mas de alguma forma todo discurso é persuasivo, pois busca a adesão dos que estão a seu redor usando a retórica, que tem por objetivo tirar ou colocar ênfase em sua ideologia. A retórica está voltas para o sentido de uma comunicação persuasiva. Nos cartazes, como ilustrado na imagem 4 como símbolo deste marketing, nos programas religiosos exibidos diariamente, por meios dos depoimentos, de livros, no entanto, independente dos instrumentos utilizados, percebe-se que a mesma lógica. No entanto, o desafio é medir as consequências. Sendo esse fiel, de modo inconsciente, e motivados por necessidades alguém que busca por serviços, não se vê quais os meios de buscar alternativas como quando os sonhos e promessas não são realizados. Neste caso, a justiça torna-se o caminho utilizado por alguns, quando se veem prejudicados. Para ilustrar a problemática faço menção de alguns casos ocorridos na justiça brasileira, tratados na sessão 3.5.



Imagem 4

FONTE: Google

Por esta imagem percebemos o quão o marketing e a retórica são utilizados. E quão é um importante recurso para a atração e manutenção de fiéis. Através de cultos, reuniões as promessas de melhoras na vida financeiras são sempre o mote principal.

Podemos perceber esta retórica em alguns exemplos aqui mostrados:

Estou em frente ao templo da IURD, em Porto Alegre. Uma segunda-feira. Uma cena causa-me horror: uma senhora maltrapilha, provavelmente uma moradora de rua, mendiga, é expulsa do interior do templo com violência. Ela cai na calçada e o segurança da igreja chutou-lhe o abdômen, arranca-lhe das mãos uma garrafa de plástico com água, abre a tampa e derrama o conteúdo na rua. Em seguida, joga a garrafa sobre a mulher enquanto ela grita e rola de dor. Talvez ela tenha tirado a garrafa com água de alguém que estava no templo. Algumas pessoas ficam indignadas e a polícia é chamada. No interior do templo, cerca de cinco mil pessoas participam da “Reunião dos Empresários”, ou “Congresso dos Empresários”, como costumam chamar. Se essa cena de violência por si só causa indignação, o assombro aumenta quando uma mulher membro da IURD aproxima-se de mim, defendendo apaixonadamente o ato de violência, justificando-o como uma cena teatralizada pelo demônio. “Era o demônio quem estava tentando impedir a reunião. Mas ele foi expulso de dentro do templo e não incomodará mais!”. E acrescenta: “Agora, depois do 'circo armado' (com

polícia, repórter e ajuntamento de alguns que permaneceram fora da reunião) *o demônio está dormindo, quietinho*". Ela se referia ao fato de a mulher agredida estar aquietada, ainda no chão e com os olhos fechados. Enquanto assistia ao desenrolar daquela situação, ainda estarecida com as justificativas ouvidas, vejo uma mulher bonita, muito bem vestida, microempresária, entrando na igreja. Era a proprietária de uma bem sucedida padaria estabelecida num bairro nobre da cidade, que eu havia entrevistado seis meses antes.

Na ocasião da entrevista ela descrevera sua transformação do seguinte modo:

Eu estava em depressão profunda, prestes a cometer suicídio. Frequentava casas de religião (Cultos Afro-brasileiros) e afundava-me cada vez mais em dívidas. Numa das muitas noites de insônia, durante as quais eu pensava em suicídio, liguei a televisão e encontrei a IURD. Naquela noite fiz o que o bispo mandou. Coloquei um copo com água sobre o aparelho de televisão, e depois da oração do bispo abençoando o copo d'água, tomei a água. Pela primeira vez, depois de 30 noites em claro, consegui dormir.

A partir daí começa a frequentar as reuniões, participa das campanhas de sacrifício e sente-se feliz em testemunhar agora, o sucesso financeiro e emocional que desfruta "depois de fazer tudo o que o bispo mandou".

São histórias fortes. Especialmente em relação à segunda história, ouvi várias semelhantes no período de minha pesquisa de campo, quando visitei quase uma centena de reuniões da IURD em diferentes cidades e países. Quanto à primeira história, o etnólogo suíço, Yvan Droz (2003, p. 119) faz observações semelhantes ao se referir ao modo como a IURD trata os pobres no Quênia.

Ele afirma: "mendigos e vagabundos são excluídos do culto: eles não devem incomodar os fiéis com sua aparência ou seus pedidos insistentes de esmola (...) mas não são abandonados à própria sorte, mas devem ficar no seu lugar, fora dos muros da igreja". Ficam de fora, portanto, aqueles/as que não servem como espelho do outro.

Uma imagem de um artigo jornalístico que representa mais um exemplo do emprego da retórica e da "exploração" dos fiéis e de como isto prejudica a vida deles.



O pastor ou o Bispo da IURD utiliza recursos de argumentação voltados para necessidade de contribuir financeiramente para obter êxitos em sua vida pessoal, profissional e econômica.

Há, porém, a necessidade de se fazer uma distinção entre persuasão e convencimento. Para quem se preocupa com resultados, persuadir é mais do que convencer, mas para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir. Na persuasão há razões afetivas e pessoais, sendo em geral a persuasão “sofística”. Perelman (2002) chama de persuasiva uma argumentação pretende valer para um auditório particular, e de convincente aquela que deveria obter a adesão de todo ser racional.

Muito importante também a noção de mercado e Marketing para compreender aonde o discurso neopentecostal se desenvolve.

O sistema de mercado atingiu seu ápice quando conseguiu penetrar no âmago da religião e se transformou cada vez mais numa mercadoria. Aqui não se pode falar mais que a religião usa as leis de mercado para vender a sua mercadoria, mas ela mesma se submeteu e transformou numa mercadoria também vendável no mercado. (CAMPOS, 1997, p. 175)

A noção consagrada do conceito de marketing é dada por Kotler (1980, p. 20,31,37,38):

Marketing é a atividade humana dirigida para satisfação de necessidades e desejos através dos processos de troca. Toda organização é uma aglutinação proposital de pessoas, materiais e instalações, procurando alcançar algum propósito no mundo exterior. O marketing é este conjunto de conhecimentos e ferramentas que tem por tarefa coordenar, planejar e controlar o processo de concretização desses objetivos. Para sobreviver e ser bem sucedida a organização deve atrair recursos suficientes e converter esses recursos em produtos, serviços e idéias e distribuir esses produtos a vários públicos consumidores. Por isso o mercado, do ponto de vista da organização, é uma arena em potencial para troca de recursos.

A Igreja Universal desenvolveu-se como organização religiosa graças a mensagens dirigidas às necessidades e pleitos da população. Um novo discurso religioso, diferente do tradicional, voltado para o imediato das necessidades materiais, trouxe rapidamente grandes contingentes de fiéis com disposição a encontrar soluções mais fáceis para seus variados problemas, principalmente os problemas físicos, materiais e financeiros.

3.4. Discurso sobre a fé e o sobrenatural

A IURD desenvolveu sobre os temas de cura, milagres, prosperidade e felicidade estratégias comunicativa que encontram grande aceitação e recepção entre a população sedenta para obter estes “produtos” poucos encontrados no mercado atual. A naturalização do milagre é a principal técnica de propaganda, assim, são transformados em objetos coisificados pelo discurso religioso e investidos de valor.



Imagem 6

Fonte: Google imagens.

Pastor da IURD em cima de uma quantidade grande de dinheiro, para “benção”.

Após os exemplos que vimos, não resta dúvida nenhuma a respeito da importância do (os) fiel (eis) da Igreja Universal do Reino de Deus acionar a justiça em busca de seus direitos violados, direitos estes morais e financeiros.

Podemos dizer também que os responsáveis pela direção dos cultos correm sérios riscos de responderem penalmente sobre o que foi pregado, pois muitos destes fieis foram ludibriados e acabaram sem nada, pois entregaram o seu tudo para a IURD acreditando numa melhora de vida que não chegou e provavelmente nunca chegará.

3.5 Alguns exemplos e outro lado pouco visto: quando os serviços não funcionam.

É oportuno afirmar que em diversos casos que culminaram em processos judiciais contra a IURD, a maneira pela qual os pastores abordam os seus fiéis ocorre através

identificação da fragilidade emocional e até mesmo psíquica que é uma tônica em relação aos fiéis iurdianos. Em regra geral são pessoas desempregadas, excluídas e marginalizadas e que se tornam hipossuficientes em face da linguagem persuasiva empreendida pelo pastor que convencerá a respeito da necessidade sobre a efetiva contribuição financeira pelo dízimo cobrado e recolhido, bem com até mesmo a doação de seus poucos bens materiais. O caso abaixo é um exemplo singular da maneira pela qual o pastor iurdiano aborda o fiel.

Os casos de fraude e enganação multiplicam-se e começam a ser recepcionados em diversos tribunais pátrios. No Distrito Federal encontramos a seguinte condenação²⁰:

A Igreja Universal do Reino de Deus foi condenada a devolver R\$ 74,3 mil doados por uma fiel entre 2003 e 2004, que seis anos depois se arrependeu e pediu a nulidade da doação. Segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJ-DFT), a mulher alegou ter sido pressionada por um pastor a aumentar suas contribuições ao dízimo, o que a levou a entrar em depressão, perder o emprego e ficar na miséria.

A decisão da 5ª Turma Cível do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJ-DFT) confirma sentença proferida em primeira instância pela 9ª Vara Cível de Brasília. Segundo os autos do processo, a fiel frequentava a Igreja Universal do Reino de Deus, pagando seus dízimos em dia. Ao enfrentar um processo de separação judicial, a mulher alega ter sido induzida pelo pastor Jorge a aumentar suas contribuições. Ao receber uma alta quantia por um serviço realizado, a fiel teria sido pressionada pelo pastor para doar toda a quantia que havia recebido.²¹

Neste processo, restou comprovada a ardilosa habilidade exercida pelo pastor iurdiano que conseguiu obter de uma fiel que acabou cedendo às pressões e doou dois cheques bancários em dezembro de 2003 e janeiro de 2004, totalizando o valor de R\$ 74.341,40.

²⁰ Os casos estão em itálico para dar destaque aos casos, e sua devida ênfase em face da problemática trabalhada.

²¹ Fonte: <https://noticias.terra.com.br/brasil/igreja-universal-e-condenada-a-devolver-r-74-mil-a-fiel-arrependida,de717b930c6ac310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> Acesso 03 de agosto de 2016.

Ocorre que pouco tempo depois para sua surpresa a fiel percebeu que o pastor havia desaparecido da igreja que frequentava, após esta constatação caracterizada por uma situação de vexame, constrangimento e sentimento de ter sido ludibriada, a fiel prejudicada entrou em depressão, chegando a perder o seu emprego e ficou impossibilitada de pagar suas contas mínimas. Por isso, diante desta conduta dolosa por parte do pastor iurdiano, a mulher decidiu processar a Iurd e pediu no ano de 2010 a nulidade da doação e a restituição de todo o valor entregue ao pastor.

Em contrapartida, a igreja em sua defesa afirmou que a fiel sempre foi empresária, motivo pelo qual que não ficou sem rendimentos em razão da doação feita a Iurd e que a fiel tinha capacidade de reflexão e discernimento para avaliar as vantagens de frequentar a igreja e de fazer doações. Sustentou, ainda, que "a liturgia da igreja baseia-se na tradição bíblica, ou seja, que é a Bíblia que prevê a oferenda a Deus em inúmeras passagens, destacando, na passagem da viúva pobre, que doar tirando do próprio sustento é um gesto de fé muito mais significativo". Segundo os argumentos apresentados pela Iurd em sua defesa.

As argumentações fáticas e jurídicas apresentadas pela Iurd em sua contestação não foram exitosas no sentido de convencer os juízes de que não acontecera enganação e dolo contra a fiel que propôs a ação judicial.

Imperioso destacar que ao condenar a Igreja Universal do Reino de Deus na restituição dos valores doados pela fiel, a juíza de primeira instância considerou que a fiel fora prejudicada e enganada tendo o seu sustento comprometido em razão da doação realizada, citando no processo relatos de que houve carência de recursos financeiros até mesmo para alimentação. Segundo a magistrada, a sobrevivência e a dignidade do doador são os bens jurídicos protegidos pelo artigo nº 548 do Código Civil Lei 10.406/2002, onde o mencionado dispositivo legal determina ser "nula a doação de todos os bens sem reserva de parte, ou renda suficiente para a subsistência do doador".

Por fim destaca-se que A Igreja Universal recorreu, mas a sentença foi confirmada por unanimidade pela Segunda Instância do Tribunal Distrital, não cabendo mais recurso de mérito no TJ-DFT.

O caso acima mencionado deixa evidenciado que é comum no discurso iurdiano, a existência de estratégias linguísticas e persuasivas capazes de promover o envolvimento emocional do fiel que se torna extremamente vulnerável no sentido de compreender e discernir a respeito de sua situação patrimonial e econômica passando a entregar e até mesmo doar para a IURD que através de seus pastores recebem dinheiro, automóveis, casas e apartamentos tudo em nome de Deus.

Outro caso que foi apreciado pela Justiça também ocorreu no Distrito Federal, o processo foi originado pelo fato de um fiel iurdiana ter sido convencida por seu pastor a doar o seu automóvel com a promessa de mudança de vida. Mais uma vez o pastor iurdiano apresenta-se como uma ave de rapina com o propósito de fraudar e dilapidar o patrimônio do fiel com a promessa de que os seus problemas serão solucionados.

Assim vejamos:

1ª Turma Recursal do TJ-DF (Tribunal de Justiça do Distrito Federal) condenou a Igreja Universal do Reino de Deus a devolver um automóvel doado por uma fiel em troca da promessa de “mudança de vida”. Não cabe mais recurso da decisão²².

No processo em questão, a autora que é fiel da Iurd tem um filho portador de necessidades especiais e tinha à época da apresentação do processo, um histórico de grave violência doméstica. Além disso, ficou comprovado nos autos processuais que a fiel tinha uma situação financeira precária e que não possuía outro bem além do carro doado para Iurd. Ela pediu a nulidade da doação feita, pois a promessa de restabelecimento de sua saúde não teria sido cumprida. Ficou indignada pela enganação e ato doloso que sofrera tendo procurado a Justiça no sentido de recuperar o bem entregue ao pastor.

É importante destacar que na primeira instância, o juiz chegou a conclusão que a autora é uma pessoa simples e ingênua em consonância com sua situação econômica, social e instrucional. O magistrado explicou que o ato de doação não apresentou vício de consentimento, ou seja foi feito por decisão livre por parte da fiel, porém contrariou a regra prevista no artigo 1.175 do Código Civil Lei 10.406/2002. Segundo esse artigo, é “nula a doação de todos os bens, sem reserva de parte, ou renda suficiente para a subsistência do doador”. Por essa razão, o juiz ficou convencido que a autora fora enganada pela fala pastoral iurdiana e determinou que fosse feita pela ré – IURD - a imediata devolução do automóvel para autora.

Por incrível que pareça, a Igreja Universal entrou com recurso judicial , alegando que a fiel possuía outro bem na época da doação e que o automóvel pertencia ao patrimônio de Deus e jamais poderia ser devolvido. No julgamento do recurso, a 1ª Turma Recursal, a relatora designada para julgamento,apresentou em seu voto, que caberia à ré – Iurd-demonstrar e comprovar no processo que a autora possuía tal bem, o que foi feito apenas por testemunho, prova legalmente inadequada. A juíza relatora concluiu ainda que, de acordo com a regra prevista no artigo 549 do Código Civil, é igualmente nula a doação quanto à parte que

²² <https://noticias.gospelmais.com.br/igreja-universal-perde-processo-e-tera-que-devolver-carro-doado-por-fiel.html> Acesso em: 14 de novembro de 2016.

exceder à de que o doador, no momento da liberalidade, poderia dispor em testamento. Ocorreu o não acolhimento do recurso da Igreja Universal e foi mantida a decisão da primeira instância, ou seja, a devolução do carro doado para IURD pela fiel enganada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise nos três capítulos estudados, podemos concluir que a IURD presta um “desserviço” aos crentes desta denominação. Pois, a IURD está mais centrada em si mesma, no materialismo, do que centrada nos ensinamentos de Cristo, ao contrario, dando maior ênfase ao diabo ou ao poder do maligno na vida das pessoas.

No primeiro capítulo vimos como se deu a formação da Igreja Universal do Reino de Deus. De como foi o seu surgimento desta Igreja Neopentecostal e seus ensinamentos baseados na Teologia da Prosperidade, ramo do Movimento da Confissão Positiva, que segundo os seus defensores, soluciona não apenas problemas relacionados à saúde física, mas também ao que diz respeito à pobreza. Destacamos, ainda, neste capítulo a trajetória empreendedora do Bispo Edir Macedo que conseguiu implantar em pequenos imóveis nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro as primeiras unidades embrionárias do que mais tarde transformar-se-ia nos grandes templos e catedrais por onde ecoam a fala iurdiana. Foi abordado, ainda, a teologia da prosperidade que foi apropriada pelo discurso iurdiano e ajustada a uma ideia de repúdio as igrejas afrodescendentes, bem como a Igreja Católica e seus Cânones.

Foi objeto de discussão na presente dissertação a respeito das doutrinas influenciadas pelos pressupostos da confissão positiva, que foram trabalhados: a experiência da salvação, a cura pela fé, os dízimos e ofertas, o batismo, a santa ceia, o exorcismo e as maldições. Ficou evidenciado a tentativa do discurso iurdiano de mitificar o catolicismo como sendo eivado por ambiguidades ao sugerir a performance do chamado “católico macumbeiro” em uma empreitada explícita direcionada para associar que a IURD é o caminho para salvação.

O uso de técnicas midiáticas também foi abordada durante nossa pesquisa. Quanto às técnicas de abordagem evangelísticas, foi verificado, o conceito missionário da IURD que incluem a forte capacidade de adaptação ao meio, o uso da mídia e a assistência social. Foi também observado o tipo do pastor e do membro da Igreja Universal como um modo de particularizar o seu público alvo. Também foi observado que a mídia eletrônica também foi um ponto forte na divulgação das ideias iurdiana, mas não foi o principal meio de divulgação, caracterizando-se apenas uma influencia confirmatória aos que já têm alguma simpatia pelo modelo de evangelização do neopentecostalismo iurdiano.

No segundo capítulo avançamos para o estudo do discurso Iurdiano e seu desdobramento na vida das pessoas, no campo espiritual, material e jurídico. Inclusive no que se refere aos danos morais e materiais causados por estes discursos. Observamos algumas

concepções doutrinárias a respeito dos mencionados danos, uma vez que o poder judiciário vem reconhecendo a obrigação da IURD em indenizar os seus fiéis quando os mesmos são persuadidos e levados a transferir o seu patrimônio para o pastor, seja dinheiro, imóveis ou carros. Ressaltamos que, se essa doação for voluntária e exprimir a vontade livre daquele fiel, a justiça não vem acolhendo os pedidos formulados por àqueles que entendem terem sido lesados pela fala pastoral iurdiana.

Ainda no capítulo 2 abordamos acerca do dano moral como sendo aquela conduta que afeta a honra, intimidade, privacidade, integridade e tudo aquilo mais integrante do acervo moral de uma pessoa. Os conceitos jurídicos utilizados são efetivamente aplicáveis às demandas judiciais envolvendo o fiel e a IURD, uma vez que nesses processos encontramos o fiel, que considera na estratégia de marketing religioso estabelecida pela IURD, como sendo um cliente a ser persuadido e direcionado para o empreendimento econômico estruturado e operacionalizado através da ação pastoral realizada em cada unidade da IURD.

Outra característica do capítulo 2 está na abordagem que extrapola as questões jurídicas na definição de dano moral. Não podemos desconsiderar o cenário social no qual está inserido a IURD. Como já dito, tendo sua origem nas periferias, cabe o discurso da exclusão social, mas para além da ideia de que este processo excludente é gerado num modelo de sociedade do consumo, no qual as noções de cidadania, para além de um conceito teórico, se constitui na prática uma cidadania pautada na sociedade do consumo, constituindo indivíduos cidadãos a partir daquilo que elas podem consumir. Neste sentido, Fromm (1982) faz a crítica aos elementos de uma sociedade pautada apenas no modo “Ter”, desconsiderando a essência das coisas, ou seja, o “ser” religioso – tomando o exemplo da IURD – é elemento que ganha dimensões menos vistas quando comparadas as possibilidades que o cliente fiel tem de conseguir unicamente na prestação dos serviços prestados. Não por acaso que a IURD não está centrada numa teologia tradicional e/ou sequer elabora seu discurso em parte. Ao tratarmos desta “Teologia da Prosperidade” fica explícito este elemento essencial do “ter”, portanto, a graça é aquilo que podemos conseguir.

Adentrando o capítulo 3 da presente dissertação enfocamos através da análise de alguns estudos de casos ocorridos em diversos estados brasileiros envolvendo o fiel iurdiano e sua batalha judicial travada contra a IURD no sentido de obter as indenizações pelos danos morais e materiais advindos dos efetivos prejuízos que foram suportados. Restou evidenciado que as consequências jurídicas da enganação praticadas pelo pastor enveredam para o universo subjetivo de cada fiel produzindo danos que precisam ser indenizados. Abordamos, ainda que, o discurso pastoral da IURD está voltado para conquistar os seus fiéis com a

promessa que os mesmo mudarão de vida conquistarão emprego e comprarão bens materiais e serão felizes, porém, precisarão contribuir com o pouco que tem para conseguir a felicidade e a salvação.

Por fim, na presente dissertação abordamos como o projeto midiático e de marketing arrojado e idealizados pelo Bispo Edir Macedo tornou-se um empreendimento milionário e arrebatou milhares de seguidores em curto espaço de tempo. Destacamos a respeito da enganação e discurso doloso desenvolvidos pelo pastor da IURD capaz de produzir efeitos desastrosos na vida individual de cada fiel que é conduzido de maneira arditosa a contribuir com seu mísero patrimônio através de doações para a IURD. Tudo em nome de Deus!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. A guerra das possessões. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André, DOZON; JeanPierre (org). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ANTONIAZZI, Alberto [et al.] **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ALVIM, Agostinho. **Da inexecução das obrigações e suas conseqüências**. São Paulo: Saraiva. 1980

ANDRADE, Paulo César Ribeiro. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal. In: Grupos de Estudos da América Latina. **Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América**, Londrina, 2009. Disponível em: <
https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjQo_KfrtHOAhXFcpAKHUXQAPAQFggoMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Feventos%2Fsepech%2Fsumarios%2Ftemas%2Fa_teologia_da_prosperidade_e_na_igreja_universal_do_reino_de_deus.pdf&usg=AFQjCNHbJ0joDir36SSSt5zNexe2VdvBqOg>

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro. Zazah, 2004.

BECK, Ulrick. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthoy, *et al.* **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997, p.11-71.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectivas, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão** (*Brasil, África e Europa*), Lusotopie, 1999, p. 355-367. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>> Acessado em: 06 de novembro de 2015.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. **Revista USP**, n.81, p. 173-185, março/maio 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/81/14-marcelo.pdf>> Acesso em: 04 de dez. 2014.

DIAS, Jose de Aguiar. **Da responsabilidade civil**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987. V. 2

DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONSECA, Marcio Alves. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias del Yo**. Barcelona: Paydós Ibérica, 1996.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GAGLIANO, Pablo Stolze; PAMPLONA FILHO, Rodolfo. **Novo Curso de direito civil**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2004, v.3.

GOMES, Wilson. “Demônios no fim do século. Curas, ofertas e exorcismos na Igreja Universal do Reino de Deus”. **Cadernos do Ceas nº. 146**. Julho/Agosto de 1993.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios: o estranho caso das novas seitas populares no Brasil da crise. In: ANTONIAZZI, Alberto [et al.] **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LINDBERG, Carter (2010). *The European Reformations 2 ed. Wiley-Blackwell [S.I.]ISBN978-1-4051-8067-2*.

MACEDO, Edir. **O perfeito sacrifício**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos & guias: Deuses ou demônios?** 13ª edição Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1996.

MACEDO, Edir. **Vida em abundância**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

MARIANO, Ricardo. “Os Neopentecostais e a teologia da prosperidade”. In: **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 44, p. 24-44, março de 1996.

MARIANO, Ricardo. *A Igreja Universal no Brasil*. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André, DOZON, JeanPierre (org) **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, p.121-137, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neo-pentecostais: sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. O debate acadêmico sobre as práticas monetárias da Igreja Universal. Trabalho apresentado no Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 1998, Caxambu, Minas Gerais. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=O+debate+acad%C3%AAmico+sobre+as+pr%C3%A1ticas+monet%C3%A1rias+da+Igreja+Universal.&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gfe_rd=cr&ei=gAq5V8DZCcfK8gehk5zQCA#>

MATA, Sérgio. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, vol. 20, n.2, p. 235-255.

MONTERO, Paula. *Secularização e Espaço Público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*. **Etnográfica**, vol. 13 (1), 2009. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1195>> Acesso em: 02 de dez 2014.

NERIS, Wheriston Silva. Bourdieu e a Religião: Aportes para (re)discussão do conceito de campo religioso. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/neris-wheriston-gp2.pdf>> Acesso em: 04 de dez. 2014

OLIVEIRA, Ivo Xavier. **Igreja Universal do Reino de Deus: uma instituição inculturada?** São Paulo: Edições Pulsar, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. 4ª edição. Campinas: Pontes, 2002.

ORO, Ari Pedro, CORTEN, André, DOZON, Jean-Pierre (org). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro. O “neopentecostalismo macumbeiro”. **Revista USP**: São Paulo, n.68, p.319-332, dez-fev 2005-2006. disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13505>>

SERRA, Antonio Roberto Coelho. A mercantilização do sagrado: um estudo sobre a estruturação das igrejas dos pentecostalismos brasileiros. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/palFs/AntonioRobertoSerra.pdf>.>

SILVA, José Afonso. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. São Paulo: Malheiros. 2000

TAVOLARO, Douglas. O Bispo. **A história revelada de Edir Macedo**. São Paulo: Larousse do Brasil. 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Claret, 2001.